UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas

Curso de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural

Dissertação

HABITAÇÕES DE TAIPA E BARRO: Lugares de memórias e patrimônio na comunidade Barreiro do Café, São Raimundo Nonato/PI

Cícero Ney Pereira de Oliveira

Pelotas, 2018

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquermeio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte. Pelotas - RS, 2018.

E-mail: ciceroguarany@gmail.com

Cícero Ney Pereira de Oliveira

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

O48h Oliveira, Cícero Ney Pereira de

Habitações de taipa e barro : lugares de memórias e patrimônio na comunidade Barreiro do Café, São Raimundo Nonato/PI / Cícero Ney Pereira de Oliveira ; Lúcio Menezes Ferreira, orientador. — Pelotas, 2018.

76 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2018.

1. Lugares de memória. 2. Patrimônio. 3. Identidade. 4. Barreiro do café. 5. Casas de taipa e barro. I. Ferreira, Lúcio Menezes, orient. II. Título.

CDD : 306

Elaborada por Kênia Moreira Bernini CRB: 10/920

HABITAÇÕES DE TAIPA E BARRO: Lugares de memórias e patrimônio na comunidade Barreiro do Café, São Raimundo Nonato/PI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do titulo de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Lúcio Menezes Ferreira

Pelotas, 2018

CÍCERO NEY PEREIRA DE OLIVEIRA

Habitações de taipa e barro: Lugares de memórias e patrimônio na comunidade Barreiro do Café, São Raimundo Nonato/PI

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural – linha de pesquisa “Memória e Identidade”, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Memória Social e Patrimônio Cultural.

BANCA EXAMINADORA

_____

_____

_____

Pelotas,

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação a minha mãe Ana, pelo apoio, carinho, dedicação, compreensão e por me ensinar que o valor de um homem mora na nobreza dos seus ideais.

Agradecimentos

A Jah senhor de Isaac, Jacó e Abraão, (seja como fruto da invenção humana ou se de fato existe, comigo tem funcionado), por me manter firme, forte e resistindo todos os dias da minha vida, sem baixar a guarda, sem recuar um milímetro se quer.

Aos meus pais Valdelício e Ana pelo encorajamento, carinho, admiração e pelo apoio incondicional, por estarem comigo no choro e na alegria sempre, sem vocês a realização desse trabalho não seria possível.

Ao meu amigo e irmão Carlos Rocha, um arqueólogo no qual me inspiro e gostaria de possuir um terço da sua genialidade, pela parceria nessa pesquisa e nas vivências do corre diário desde os dias tensos em São Raimundo Nonato.

À Universidade Federal de Pelotas e ao Curso de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural pela oportunidade de realizar esse projeto.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo investimento em minha pesquisa ao longo desses 1 anos e meio.

Ao meu orientador Professor Lúcio Menezes Ferreira por romper as barreiras da orientação e tornar-se um amigo, por sua dedicação, orientação e atenção disponibilizada durante toda a elaboração desse trabalho. Por sua paciência e desempenho em me explicar e sanar as minhas Homéricas dúvidas. Muito obrigado!

A Jaime Macedo por me apresentar a opção de estudos descoloniais e por aceitar-me viajar na sua nau da loucura, afinal não sofremos de normose.

Ao amigo Ricardo Jaekel pelo apoio aqui em Pelotas, por abrir as portas da sua casa, por confiar, e pelo apoio incondicional.
Muito obrigado a todos.

Algumas denotam um esforço dos filhos do sertão. Encontram-se, orlando-as, erguidos como represas entre as encostas, toscos muramentos de pedra seca. Lembram monumentos de uma sociedade obscura. Patrimônio comum dos que por ali se agitam nas aperturas do clima feroz, vêm em geral, de remoto passado. Delinearam-nos os que se afoitaram primeiro com as vicissitudes de uma entrada naquelas bandas. E persistem indestrutíveis, porque o sertanejo, por mais escoteiro que siga, jamais deixa de levar uma pedra que calce as suas junturas vacilantes. (Cunha,1984,p.8)

RESUMO

OLIVEIRA, Cícero Ney Pereira de. **Lugares de memórias e patrimônio na comunidade Barreiro do Café, São Raimundo Nonato/PI.** 2018. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

Essa pesquisa tem como objetivo principal analisar os lugares de memórias, representação e percepção patrimonial de pessoas que habitam construções de taipa e barro na comunidade rural Barreiro do Café, situada nas proximidades da cidade de São Raimundo Nonato, sudeste do estado do Piauí. Procura entender ainda o potencial desses lugares para evocar memórias e forjar identidades. Apoiados nesses objetivos refletimos sobre as seguintes indagações os habitantes da comunidade rural Barreiro do Café reconhece a mesma como um espaço de memórias e de afirmação identitária? tais memórias são individual, partilhadas ou ambas? Quais são as conexões de memórias que as pessoas criam ao falarem sobre a tradição de costruir casas de taipa e barro?

Como procedimento metodológico, utilizamos, sobretudo, a entrevista presencial e, igualmente, observação do pesquisador. Cumpre mencionar que as entrevistas foram aplicadas aos moradores do povoado, com exceção de dois entrevistados que já moraram no povoado e hoje residem na cidade de São Raimunido Nonato. Por esse caminho percebemos que a materialidade dos objetos (casas) e a intangividade do saber fazer são os principais elementos de facilitação para evocação das memórias no povoado. Nesse sentido, essa pesquisa é relevante por estar o tema do patrimônio rural no cerne das discussões contemporâneas que tangenciam a memória social e o patrimônio cultural, por refletir sobre a forma como as pessoas se apropriam, significam e resignificam espaços aqui considerados como patrimônio, de sorte a afirmar, refutar ou mesmo reelaborar suas memórias e identidades.

Palavras- Chave:, Lugares de memória; Patrimônio; Identidade; Barreiro do Café; Casas de Taipa e Barro.

ABSTRACK

OLIVEIRA, Cícero Ney Pereira de. PLACES OF MEMORIES: Barro dwellings as patrimony in the Barreiro Coffee Village (São Raimundo Nonato, Piauí-Brazil). 2017. Dissertation (Master's Degree in Social Memory and Cultural Heritage) - Postgraduate Program in Social Memory and Cultural Heritage, Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2017.

This MA dissertation study discuss the places of memories constructed by the people who inhabit mud and water houses in the Barreiro do Café, one rural community belonged to the city of São Raimundo Nonato, southeast of the Piauí State. It is a study based in the concepts of social memory and heritage. As a methodological procedure, I aply mainly a participatory observer interview in order to highlight the importance or not of clay dwellings as cultural heritage in the community.

This study raised some questions too: How the Barreiro do Café's people recognize its community as a space of memories and identity affirmation? What memories can we realize in the community, the individual one, shared or both? What are the material connections the people have been doing when they talk about the mud and water houses?

It should be mentioned that the interviews were applied to community. At this inquiry avenue we can understand that the social memory has been constructing through the material relationship of those objects and community practices of making your houses. This study is relevant because it is at the heart of the contemporary discussions about social memory and cultural heritage, reflecting on how people construct the meanings about the spaces We have been considering as cultural heritage. Thus this study is an interpretive avenue where the Barreiro do Café's rural community are active agents of his social memory relations and not only native informants. That people is able to speak about himself. As members of a living culture they can represent himself.

KEY-WORDS: Social Memory; Cultural Heritage; Identity; Barreiro do Café; mud and water houses.

Lista de figuras

Figuras 1 e 2, à esquerda, parede de taipa e barro.....31

Figura 3 panela e gamela, objetos de recordação.....35

Figura 4 Foto, rota para o povoado Barreiro do Café.....36

Figura 5 Casa de farinha em São Raimundo Nonato.....37

Figura 6 Prensagem de mandioca: processo manual.....39

Figura 7 Lixão a céu aberto em São Raimundo Nonato Piauí.....40

Figura 8 Chiqueiro com bodes e cabras.....41

Figura 9 Sistema de captação de água da chuva.....42

Figuara 10 foto aérea destacando o lixão.....42

Figura 11 Mapa gênero.....45

Figura 12 Gráfico da idade dos entrevistados.....45

Figura 13 Grafico de onde residem os entrevistados.....46

Figura 14 Gráfico das profissões dos entrevistados.....46

Figura 15 gráfico do significado representacional.....47

Figura 16 Gráfico de significada utilitário e representacional.....48

Figura 17 Gráfico de significado simbólico das residências.....48

Figura 18 Gráfico de identificação com a casa de farinha.....49

Figura 19 Gráfico sobre lembranças.....49

Figura 20 Gráfico sobre como seria sem as casa de barro.....50

Lista de abreviaturas e siglas

INRC – Inventário Nacional de Referências Culturais

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artistico Nacional

ONU - Organização das Nacões Unidas

PARNA - Parque Nacional da Serra Da Capivara

UFPEL – Universidade Federal de Pelotas

Sumário

1 Introdução.....12

2 Patrimônio, Memória e Identidade.....14

2.1 Patrimônio e Comunidades.....22

3.Breve história de habitações edificadas com barro e madeira.....28

3.1 Como são ergidas as residências e organização dos espaços.....30

3.2 Tradição de edificar usando madeira e barro, contexto local.....35

3.3 Casa de Farinha.....36

3.4 Patrimônio ameaçado: a problemática do lixão.....40

4 Vozes dos moradores do povoado Barreiro do Café.....43

4.1 O desenvolvimento da pesquisa no povoado Barreiro do Café.....43

5 Considerações finais.....52

Referências.....56

Apêndices.....60

Apêndice A.....61

Apêndicê B.....65

Apêndice C.....73

Apêndice D.....75

1 Introdução

A partir de estudos sobre patrimônio, memória e identidade, esse trabalho investiga lugares de memórias de pessoas que habitam casas edificadas em taipa e barro na comunidade rural Barreiro do Café, bem como a tradição de edificar usando elementos naturais e a simbologia desses espaços.

O mesmo justifica-se no sentido de que essas redidências tradicionais constituem-se como uma alternativa para que os moradores da citada localidade possuam casa própria, por seu valor patrimonial e pelo fato de que esse tipo de habitação está deixando de existir e a tradição de construir usando taipa e barro está se perdendo. Mesmo no sudeste do Piauí, local onde segundo Silva Filho (2007). essa técnica construtiva era comum, hoje são poucos os exemplares que restam.

Ademais, a bioconstrução é uma opção habitacional que rompe com a lógica construtiva do concreto armado e cria oportunidades viáves de habitações com baixos custos. As habitações em barro aqui estudadas são exemplares de patrimônio tangivél e símbolo de resistência aos modelos de construção cuja finalidade maior são os lucros exorbitantes das construtoras e indústria de materiais de construção.

Tomando como objetos de pesquisa casas edificadas com taipa e barro na comunidade rural Barreiro do Café, essa pesquisa de mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) tem como objetivo principal analisar qual a relação de autóctones da citada comunidade e vizinhos com a forma de construir usando elementos naturais, bem como seu potencial de evocar memórias e forjar identidades.

As referidas residências estão situadas a pouco mais de dez quilômetros da cidade de São Raimundo Nonato, município que abriga parte de um dos mais importantes patrimônios da humanidade: o Parque Nacional Serra da Capivara, importante museu a céu aberto detentor de um grande acervo arqueológico e considerado por pesquisadores como (GUIDON; PARENTI;VERGNE, 1998), a moradia dos primeiros habitantes das Américas.

O povoado Barreiro do Café foi fundado em 1950, em um local que segundo entrevistados teria sido um quilombo, embora não exista registro documental da fundação Palmares ou qualquer outro orgão, referindo-se ao relatado por alguns dos nossos entrevistados. Nesse rincão a comunidade local, descendente de quilombola ou não, busca espaços para preservar e conservar suas histórias, memórias e seu patrimônio.

Segundo a ONU um quinto da população mundial vive em casas de barro, no entanto esse tipo de arquitetura foi sendo sistematicamente desvalorizada em favor dos materiais industrializados considerados por muitos como mais dignos por representarem uma lógica de desenvolvimento e progresso.

Para a investigação do povoado Barreiro do Café enquanto espaço que mantém a tradição de construir habitações usando taipa e barro, observamos as premissas epistemológicas da Memória Social, Patrimônio e Arquitetura popular.

Dissertamos também sobre o conhecimento de edificar usando barro e madeira esse como ponto de apoio para as relações sociais do grupo. Bem como o saber fazer passado de uma geração para outra se contribui para a memória social e o patrimônio cultural do grupo.

Observamos ainda como o grupo aqui estudado faz usos de espaços e objetos, obtenção de recursos naturais para construção de moradias, manejo da terra para agricultura e como se estabelecem as relações interpessoais no povoado, entre outros aspectos do cotidiano relacionados aos grupos e como se estabelecem as relações de afirmação ou negação de identidades.

Para estas frentes em que nosso trabalho se insere, organizamos esta dissertação em três capítulos. O primeiro discorre sobre Lugares de memórias das pessoas que habitam o Povoado Barreiro do Café, bem como a tradição de edificar usando taipa e barro e as relações sociais que os envolve.

O segundo capítulo está relacionado às pesquisas sobre patrimônio e comunidades, e as relações que se estabelecem entre patrimônio e identidades.

O terceiro e último capítulo é composto pelas narrativas dos morados do Povoado Barreiro do Café. Nesse analisamos entrevistas feitas aos moradores do povoado e as Interpretamos levando em consideração seus

lugares de memórias e quais os significados de patrimônio para eles.

2 Patrimônio, Memória e identidade

Neste capítulo, apresentamos uma breve reflexão sobre os principais conceitos de memória e identidade. Para tanto, realizamos um recorte no qual trabalhamos com os alguns autores da área que buscam compreender tais fenômenos dentro de um contexto ou viés social. Veremos que os conceitos de memória e identidade por atuarem como elementos formatadores do sujeito-social, devem ser observados de forma interligada.

Mostramos também que patrimônio e valorandam juntos. Veremos, ainda, que é na relação entre objeto e sujeito que o valor atribuído eclode. Para que determinado grupo, veja e compreenda o patrimônio como importante, é preciso haver por parte das pessoas, em relação aos bens patrimoniais, um sentimento de pertencimento, reconhecimento apropriação e identificação. Por último, discorremos que os objetos, pensados no viés arqueológico e como patrimônio, deixam de ser apenas algo utilitário e são lhes atribuídos uma função simbólica, indo muito além de suas características palpáveis.

Em busca da preservação de suas memórias, o sujeito busca classificar, ordenar, denominar, datar, controlar e dominar as coisas naturais e artificiais. Até mesmo o tempo o homem busca classificar, ordenar, denominar, datar para, assim, poder sobre ele pensar. Santo Agostinho (1982) descreveu a experiência do tempo como a de mudança, da sucessão, da diferença, da novidade, da separação, da finitude e nenhuma sociedade humana conseguiu viver em paz com este “ser-não-ser” que praticamente as constitui. Para ele, este não-ser que atravessa o ser da humanidade, corrompendo-a, envelhecendo-a, separando-a, é causa de medo, angústia e dor

Conforme Joel Candau (2014). Será que o homem consegue controlar o tempo? Ou, somente organizá-lo, medi-lo? Seria o tempo apenas uma ilusão? como dizia Albert Einstein (2013). Ou apenas uma invenção, como falou Mircea Eliade (1992). Uma afirmação talvez seja correta: o tempo, por mais que consigamos organizá-lo, é algo que não para, segue seu deslocamento de forma contínua ou cíclica, depende de onde estamos falando, qual nosso lugar ou lugares de representação. Mas, não é entender o tempo

como conceito que realmente nos interessa aqui, mas, sim, o pensar como razão da memória, como disse Izquierdo (1989). E, ainda, como responsável por ter um papel fundamental nos processos de identidades, próprios às sociedades (CANDAU, 2014). Em outros termos, podemos dizer que só existe memória, identidade e patrimônio devido ao tempo. Brham (2017).

Nessa busca de “voltar no tempo”, cristalizar o tempo, com a intenção de reconstruir acontecimentos passados, como uma forma de evitar seu esquecimento, o sujeito encontra e reencontra “lugares de memórias”, como disse Pierre Nora (1993). Buscamos, nesses lugares, evocar, fixar nossas memórias, por meio de diversas representações. Nessa “vontade de memória” (NORA, 1993), diz que o sujeito busca se reencontrar nesses lugares e locais com o passado, a partir do presente, uma vez que é o presente quem o modela.

A partir dessa ideia inicial, o presente subcapítulo apresenta uma breve reflexão sobre os principais conceitos de memória e identidade. Para isso, realizamos um recorte no qual trabalhamos com alguns autores da área que buscam compreender tais fenômenos dentro de um contexto ou viés social. Veremos, ainda, que memória e identidade não devem ser pensadas de forma separada. Haja vista que Juntas, atuam de maneira decisiva para moldar o sujeito, individual e coletivamente.

Antes de partir para as discussões e reflexões que tangenciam a memória social, é importante refletirmos, brevemente, quais seriam os principais sistemas em que a nossa memória é dividida.

Segundo Milner et al (1998), a nossa memória pode ser dividida em duas categorias principais: a memória explicita e a memória implícita.

A memória explícita declarativa está relacionada à memória de curto prazo. Essa esta ligada às lembranças conscientes de fatos (semântica) e eventos (episódicos). Ela é proposicional - pode ser verdadeira ou falsa, pode modelar o mundo externo e armazenar representações sobre fatos e episódios.

Por sua vez, a memória implícita, ou não declarativa, não é considerada nem verdadeira nem falsa. Ela é responsável pelas mudanças no comportamento hábil e na capacidade do sujeito de responder aos estímulos por meio das atividades práticas (vinculada à repetição de atividades), como resultado do condicionamento ou aprendizagem. Ela inclui, ainda, mudanças de alterações

na capacidade para detectar ou identificar objetos como o resultado de encontros recentes, um fenômeno conhecido como *priming*.

Segundo Izquierdo (2002), as memórias podem ser classificadas pelo tempo que duram. As memórias explícitas podem durar minutos, horas, dias, meses ou anos. Já a memória implícita pode durar a vida toda. Esse autor, apresenta, ainda, a memória de trabalho; segundo ele essa é uma memória que não produz arquivos, pois ela mantém, por alguns segundos ou minutos, a informação que está sendo processada e cumpre uma função gerenciadora de nosso contato com a realidade, decide, entre tudo aquilo que nos acontece, o que guardaremos e o que não guardaremos na memória declarativa ou na procedural (IZQUIERDO, 2002, p.24).

Ainda, segundo Izquierdo (1989), buscamos, através da memória, preservar o passado, por meio de imagens e representações que podem ser evocadas. Essas memorias são representações, e não realidades, porque tais fatos e acontecimentos são únicos e não podem ser mais vividos, apenas relembrados e recordados.

Essa reflexão é seguida por Candau (2014), ao mencionar que a memória “é uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo” (CANDAU, 2014, p. 9).

> Através da memória, o individuo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a este respeito estruturando-o e colocando-o em ordem (tanto no tempo como no espaço) conferindo-lhe sentido (CANDAU, 2014, p. 60).

A memória é algo que nos acompanha por toda vida. Ela não está apenas no passado, trazido por meio de recordações, mas, está presente em nossos corpos, idiomas, no que valorizamos, tememos, esperamos. É responsável por identificar quem somos no mundo, tanto a nível pessoal, como coletivo. Porém, por mais que queiramos, não conseguimos lembrar tudo, uma vez que a memória é seletiva (ROSARIO, 2002). Para Pollak (1992).

> A memória é, em parte, herdada, não se refere apenas à vida física da pessoa. A memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória. Isso é verdade também em relação a memória coletiva, ainda que está seja bem mais organizada (POLLAK 1992, p. 204).

Segundo Yàzigi (2001, p. 47), a memória deve ser entendida como uma construção permanente que sustenta a identidade. A memória é mutável, sempre em constante transformação. Na mesma linha de pensamento, Jelin (2002) diz que a memória pode ser considerada um processo, um trabalho, seria a forma como construímos nossas memórias no presente, a partir do que recordamos e da seleção dos acontecimentos, por meio de lembranças, esquecimentos, negações, apagamentos, construções, reconstruções, comemorações, conflitos e tensões que estão relacionados com questões individuais e coletivas. Ideia reforçada por Sombra (2014), ao compreender que a memória é responsável por realizar um discurso do passado, que é reconstruída a partir do presente, sendo ela um produto de contexto social, que possibilita dar sentido ao passado para, assim, transmiti-lo. "Não é o passado que produz o presente, mas o presente que molda o passado".

Halbwachs (1990), afirma que a memória é um espaço de pensamento social; são relações que se estabelecem entre os sujeitos e os grupos aos quais pertencem e essas relações contribuirão para a modelação de uma memória pautada no grupo, ou seja uma memória coletiva. Para esse autor.

> A memória coletiva tira sua força e sua duração por ter como base um conjunto de pessoas, são os indivíduos que se lembram, enquanto integrantes do grupo. Dessa massa de lembranças comuns, umas apoiadas nas outras, não são as mesmas que aparecerão com maior intensidade a cada um dele. De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. Não é de surpreender que nem todos tirem o mesmo partido do instrumento comum. Quando tentamos explicar essa diversidade, sempre voltamos a uma combinação de influências que são todas de natureza social (HALBWACHS, 1990, p. 69).

Seguindo essa linha de pensamento, Candau (2014) diz que a memória pode ser dividida em três categorias: a protomemória, a memória propriamente dita13, ou de alto nível, e a metamemória. De modo geral, as duas primeiras vinculadas mais a uma memória individual, própria do sujeito. Já a metamemória, é relacionada ao sujeito a um sentido mais coletivo. A

metamemória está relacionada “à representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela” (CANDAU, 2014, p 23), seria, então, para o autor, uma memória reivindicada, ostensiva. Seria a ideia de que cada pessoa tem sua própria memória, discorrendo para destacar suas particularidades, interesses, bem como, suas profundidades e lacunas.

Seguindo essa reflexão, Jelin (2002) afirma que é impossível encontrar uma memória única do passado, que seja compartilhada por toda uma sociedade. Sempre haverá mais de uma interpretação do passado. Haverá, sempre, uma luta entre as distintas memórias rivais, cada um com seus próprios esquecimentos e lembranças. Na mesma esteira, Candau (2014), igualmente, menciona que a memória única partilhada de um mesmo acontecimento é quase inexistente, porque cada membro, dentro de um coletivo, terá interpretações e lembranças diferentes do mesmo acontecimento, escolhendo caminhos diversos para a sua reconstrução e afirmação de suas memórias, tanto as que serão lembradas, como esquecidas. Essas memórias estão envolvidas com um sistema de crenças, valores e intencionalidades diversas de cada sujeito na formação de sua identidade.

Nesse sentido a memória está indissoluvelmente ligada à identidade das pessoas, conforme salienta Candau (2014). Ela é responsável por fortalecer o sentimento de identidade, de maneira individual e coletiva, porque seria praticamente impossível reconstruí-la sem lembranças; ao perder-se a memória, há uma perda de identidade, entretanto, a demanda identitária pode vir a reativá-la. Identidade que pode ser definida como “a capacidade que cada um tem de permanecer consciente de sua vida através das mudanças, crises e rupturas.” (CANDAU, 2014, p. 16).

A identidade, além de uma construção, também deve ser vista como uma invenção, que se encontra em constante mutação, havendo sempre a possibilidade de ser reinventada pelos sujeitos e grupos na sociedade, como afirma Bauman (2005). Para esse autor, a identidade ainda pode ser considerada como uma ficção. “Nascida como ficção, à identidade precisava de muita coerção e convencimento para se consolidar e se concretizar numa realidade [...]” (BAUMAN, 2005, p. 26). Em seu sentido individual, a identidade

seria um estado resultante de uma instância administrativa, uma representação da qual temos a ideia de quem somos.

Ainda segundo Bauman (2005). As identidades podem ser por nós escolhidas ou impostas, essas flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas (BAUMAN, 2005, p. 26).

Nessa mesma esteira de pensamento, Macedo (2012). Diz que identidade é toda a forma de representação com a qual, ou através da qual, um grupo humano de qualquer tipo se percebe enquanto tal ou se constrói como sujeito social. É, também, poder e localização porque submete e classifica criando hierarquias societárias, mas, por outro lado, estabelece posições de poder e de representação social, para esse autor, Identidade é pertencimento e ruptura porque cria laços de integração intra-grupal e pode através da construção de um discurso autônomo e auto-referenciado construído por um grupo, classe, etnia ou outros similares e pode romper com o poder hegemônico de uma sociedade.

Para Yázigi (2001), a identidade também é vista como uma construção ideológica que estabelece vínculos entre diferentes níveis da realidade; pode, ainda, o sujeito exercer-se de uma identidade como a nacionalidade, a cidadania, pertencimentos a grupos sociais, todas em constante construção. “Nunca somos uma única coisa, mas sim um vasto conjunto de atributos” (2001, p. 46). O mencionado autor complementa:

> Construir uma identidade, isto é, dar-lhe uma forma, é legitimar a própria vida, porque é a forma que dá fundamento a existência. Construir a identidade deveria ser também uma arte porque redefine nossas relações com outras pessoas, grupos, lugares, coisas (YÁZIGI, 2001, p. 47).

Cuche (1999). Também discute esse conceito no viés da identidade social, esse autor salienta que um sujeito se define pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social (classe sexual, de idade, social, entre outros), onde é permitido que ele se localize em um sistema social, bem como seja localizado socialmente. Ainda para o autor, essa definição não se restringe apenas aos indivíduos, porque todo grupo é dotado de uma identidade que corresponde à sua definição social, colocando-o como pertencente ao conjunto

social. Desse modo, a identidade social pode ser exclusiva e inclusiva; ela identifica os grupos, a partir de um ponto de vista e, ao mesmo tempo, separa-os dos outros grupos, julgados como diferentes em relação ao primeiro grupo, sob o mesmo ponto de vista (CUCHE, 1999).

Na mesma linha de pensamento, Marcos Arévalo (2004) afirma que a nossa identidade é consolidada por fenômenos externos a nós, ao salientar a ideia do sujeito como um ser social, afirmando que a identidade pode ser considerada um processo que possui uma relação direta com a tradição, a cultura e o patrimônio, refere-se a um sistema cultural, responsável por despertar um sentimento de pertencimento, pode ser considera uma construção social, que se fundamenta nas diferenças, se confirma desde a visão externa e interna do que nós vemos e como percebemos. A identidade, também, pode ser considerada uma construção de natureza subjetiva, que envolve aspectos sentimentais, afetivos, sendo responsável pela consciência de pertencimento a um universo local, ou de sua interação sociocultural, ente outros fatores (ARÉVALO, 2004).

Desse modo, a identidade pode ser entendida como um fenômeno, sempre em constante transformação, que se produz em referências aos outros e que pode ser essencialmente negociável com outros grupos, como afirma Pollak (1992):

> A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referências aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devem ser compreendidos como essenciais de uma pessoa ou de um grupo (POLLAK, 1992, p. 5).

Em sintonia com esse ponto de vista, Candau (2014) diz que a identidade não deve ser encarada como algo imutável, mas estando sempre sujeita a mudanças, por meio das diversas visões de mundo de cada grupo, que acaba, muitas vezes, o diferenciando em relação ao outro. A identidade, podemos dizer, então, é feita de lembranças e esquecimentos. Na verdade, segundo Candau (2014), ambas se apoiam e se nutrem uma na outra. Sendo

determinantes para consolidar a trajetória de vida dos sujeitos e grupos. O mesmo Candau complementa:

> Memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até a sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente (CANDAU, 2014, p. 19).

Percebemos, assim, que a identidade é responsável por consolidar o sujeito pertencente a um determinado grupo, estando esse inserido em um contexto social, que o define perante a sociedade, mas que, ao mesmo tempo, a partir de um ponto de vista, pode excluí-lo, ou incluí-lo, em um grupo, partindo das suas diferenças e semelhanças. Assim como a memória é responsável por definir e moldar o sujeito, o próprio sujeito também pode moldá-la (CANDAU, 2014) e como salientou Hallbwachs (1990), a memória coletiva modela a nossa memória individual; “a representação das coisas evocadas pela memória individual não é mais do que uma forma de tomarmos consciência da representação coletiva relacionada as mesmas coisas” (HALBWACHS, 1990, p. 61). Papel central, segundo ele, que é exercido pelos quadros sociais da memória, ou seja, influências externas, sociais, praticamente imperceptíveis que sofremos, como a linguagem, família, religião, tempo e espaço, nos quais estamos inseridos, que contribuem para a fixação de lembranças em nossa memória (HALBWACHS, 1976). Entre os quadros sociais, o espaço exerce uma das mais importantes etapas de fixação das lembranças, porque o sujeito não consegue reconstruir suas memórias se não estiverem vinculados a determinado ambiente (HALBWACHS, 1976). Em outras palavras, os quadros sociais ajudam o sujeito na consolidação, constituição e reconstrução de suas memórias coletivas e sociais e, também, de suas próprias identidades e são responsáveis por definirem o sujeito como um ser social.

Podemos dizer, então, que a identidade, assim como a memória, também exerce essa tarefa em seu sentido coletivo e social, colocando o sujeito como um ser social, em que esse pode ser moldado por sua identidade,

e ao mesmo tempo, pode moldá-la, a partir das suas visões próprias de mundo dos diversos contextos sociais nos quais está inserido.

2.1 Patrimônio e Comunidades

Como visto anteriormente, memória e identidade se entrelaçam, se nutrem e não podem ser pensadas de maneira separada. Ambas são indispensáveis por consolidarem e moldarem o sujeito, tanto de maneira individual, quanto social. Na verdade memória e identidade são a essência para que determinado objeto seja erigido à categoria de patrimônio pelos diferentes grupos e sociedades. Em outras palavras, sem memória e identidade não existe patrimônio.

Essa parte da reflexão tem por objetivo apresentar e refletir sobre os conceitos de patrimônio, fundamentada nos diferentes autores da área em questão e de sua importância no presente. Para isso indagamos porque preservamos, qual é o valor de um determinado objeto, para que preservamos e para quem preservamos? A partir dessas indagações, e das levantadas anteriormente, buscaremos desenvolver nossa reflexão.

Nesse subcapítulo discutiremos como se conformou a noção de patrimônio e como a mesma vem sendo aplicada. Discutiremos também os problemas enfrentados pelo grupo aqui estudado, desafios para preservação de patrimônio e como esses problemas interferem na afirmação ou negação de suas identidades. Começaremos essa parte do texto refletindo sobre como surgiu a palavra patrimônio e como esse termo vem sendo empregado ao longo do tempo. Em seguida discutiremos alguns conceitos de patrimônio a partir da leitura de autores da área e áreas afins.

Seguando Funari & Pelegrini (2006). Na idade moderna, o conceito de patrimônio associa-se à ideia de nação, e propiciou a criação dos Estados modernos e tornou-se ferramenta para atribuição do sentido de pertencimento nacional. O patrimônio difundiu a noção de que todos deveriam compartilhar a mesma língua, origem, cultura e território (FUNARI & PELEGRINI, 2006). Estados nacionais criaram demandas legais, a fim de organizarem o sentimento de pertença, o que garantiu a unidade nacional sob a apropriação

patrimonial enquanto vínculo social.

A convenção de Haia (1899,1907) marca o encontro internacional para pensar as deliberações acerca de regras universais de patrimônio no ocidente. De forma que as áreas de conflitos armados teriam que resguardar hospitais e espaços que abrigavam bens culturais. A proteção de bens culturais em tempos de paz ainda não havia sido discutida até então (SILVA, 2003, p.30).

Em 1919 foi criada a Liga das Nações. Outras organizações compuseram esse quadro, entre elas, a Comissão Internacional de Cooperação Intelectual, responsável pela coordenação, promoção e articulação de políticas culturais.

O pacto de Roerich de (1935) foi o primeiro “Tratado para Proteção dos Monumentos e Instituições Culturais”. Contou com 21 Estados signatários. Suas deliberações sobre proteção do patrimônio ou bens culturais formavam orientações genéricas. As deliberações objetivavam a autonomia de cada Estado signatário em confeccionar suas próprias medidas legais e administrativas, por via de suas peculiaridades locais, relacionadas à proteção de seus bens. Talvez, em virtude de seu pioneirismo enquanto projeto e as especificidades de cada signatário, o tratado não estabeleceu nenhum tipo de sanção para transgressões de suas orientações (SILVA, 2003, p.130).

De acordo com SILVA, 2003; e FONSCECA, (2003) no final do século XIX nações como Egito, Grécia, México, Itália, Tunísia e Turquia trataram de assegurar um tipo de organização legal para seus acervos de bens culturais, com iniciativa de tombamentos.

Para Choay (2006), a mundialização dos valores e referenciais ocidentais influenciaram para a expansão das práticas patrimoniais. Marco dessa expansão foi dotado pela convenção relativa à proteção do patrimônio mundial, cultural e natural, elaborado pela Assembleia Geral da Unesco17, realizada em 1972, onde se buscava, como obrigação, por parte dos países, “a identificação a proteção, conservação, valorização, e transmissão do patrimônio cultural às futuras gerações” (UNESCO, 1972). Nessa convenção, foi definido como patrimônio cultural:

> Os monumentos: obras arquitetônicas, de escultura ou de pinturas monumentais, elementos ou estruturas de caráter arqueológico, inscrições, cavernas e grupos de elementos que tenham um valor universal excepcional do ponto de vista da história da arte ou da ciência. Os conjuntos: grupos de construções isoladas ou reunidas

> que, em razão de sua arquitetura, de sua unidade ou de sua integração na paisagem, têm um valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência. Os sítios: obras do homem ou obras combinadas do homem e da natureza, assim como as zonas, inclusive sítios arqueológicos que apresenta um valor excepcional do ponto de vista histórico, estético, etnológico, ou antropológico (UNESCO, 1972)

Mas, o que seria, realmente, um valor excepcional? Segundo Choay (2006), essa pergunta é difícil de se explicar, pelo fato de que esse valor, assim como os demais, é atribuído pelo sujeito, a partir de seu ponto de vista estético, histórico, etnológico, antropológico e ideológico. Ou seja, apresenta um caráter relativo e estará, assim, como os demais valores, subordinado a interpretações, a partir do olhar do sujeito, ou grupo que lhe atribui tal definição, baseado em suas referências culturais e sociais próprias, como já mencionado anteriormente. Por outro lado, segundo Fonseca (2005)19, essa concepção de patrimônio vem perdendo espaço. Nem todo objeto, só porque apresenta um valor excepcional, merece ser preservado. Isso se deve ao fato de se considerar que qualquer objeto, seja ele excepcional ou não, pode, em princípio, ser considerado como patrimônio.

Neste contexto, o Brasil não é tão efetivo na formação legal de salvaguarda e proteção de bens culturais. As constituições de 1824 e 1891 não contemplaram a proteção de bens culturais. Na constituição de 1934 recomenda-se a proteção de monumentos de valores históricos e ou artísticos. A constituição de 1937 estende a responsabilidade de proteção para os estados e municípios pela nominação de bens culturais. A partir de 1945, a proteção dos bens culturais ganhou impulso. Nesse recorte foi criada a União das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO).

A Constituição Federal do Brasil de 1988, no artigo 216, fazendo uma revitalização e ampliação do Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, retirou, na nova definição de patrimônio, a menção de preservar os objetos que apresentassem um valor excepcional. A constituição definiu, então, como patrimônio cultural brasileiro.

> Os bens de natureza material e imaterial tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - o modo de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e

> tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL, 1988, p. 240).

Na argumentação de Tornatore (2013). Patrimônio cultural imaterial está entre as novas concepções de se pensar o patrimônio atualmente. O patrimônio imaterial pode ser considerado “vivo”, porque, na atualidade, as nossas preocupações se referem mais à vida e ao que nela vivemos, do que somente com a preservação dos acontecimentos do passado. Fazendo-lhe, assim, de um importante instrumento que possibilite assegurar a integridade cultural das comunidades e reafirmar suas singularidades dentro do espaço da nação (TORNATORE, 2013). Embora exista ai uma crítica a essa dicotomia de material e imaterial, a meu ver não se separa a matéria do espirito, em outras palavras a imaterialidade de qualquer coisa, está sempre atrelada a algo físico, palpável, indissociável um, do outro. (Oliveira 2017).

Brahm (2017). Diz que o patrimônio cultural imaterial serve como um espelho que reflete os sujeitos e grupos, perante a sociedade em que estão inseridos. O autor continua dizendo que É importante frisar que o patrimônio imaterial não se desvincula do patrimônio material, uma vez que ambos precisam um do outro para se consolidarem. (BRAHM, 2017).

É importante reiterar que o conceito atual de patrimônio não se restringe mais apenas aos monumentos individuais criados com a intenção de rememoração, como foi inicialmente compreendido por Riegl, ou que apresentasse um valor de nacionalidade e excepcionalidade. Mas, é relativo aos “materiais de ancianidade, frequentemente privados de datas ou de nomes, além de todos os recursos do imaterial” (POULOT, 2009, p. 226-227, *apud*, BRAHM, 2017).

O patrimônio pode ser considerado vivo, ajuda na construção das identidades dos diversos grupos ou sociedades das quais ele faz parte. Ele deve ser visto muito além de sua materialidade carregada de valores históricos, simbólicos e culturais que ligam e conectam o visível ao invisível, sendo responsável por evocar memórias de tempos distantes, ligando o passado ao

presente e, consequentemente, servindo como testemunhos de uma história (POULOUT, 2009). “A importância do passado para o presente é variável” (POULOT, p. 175). Isso ocorre, segundo o referido autor, porque certos grupos, muitas vezes, não se sentem representados ou identificados por determinado patrimônio eleito pelo Estado, através da patrimonialização, suscitando polêmicas e discussões sobre a sua legitimação, que acaba, às vezes, sendo vista, por alguns grupos, como desnecessária ou ilegítima. Por esse viés, segundo Gonçalves, é necessário pensar os.

> Patrimônios para além de suas formulações jurídicas e ideológicas, e considerá-los como formas de vida e, como tais, situados numa determinada ordem do tempo. Essa tarefa pode nos render bons resultados, não só em termos reflexivos, mas também em termos de ação (GONÇALVES, 2012, p. 71).

Isso porque “o patrimônio ocupa, atualmente, uma posição privilegiada nas configurações da legitimidade cultural, nas reflexões sobre a identidade e nas políticas do vínculo social” (POULOT, 2009, p. 199).

O patrimônio, também, se inscreve entre a história e a memória, por evocar um conjunto de valores em “que, a semelhança da memória depende de um enraizamento mais ou menos profundo na dimensão sensível das identidades pessoais e sociais, das afinidades religiosas, das culturas populares e, até mesmo, das mitologias” (POULOT, 2009, p. 235). Conjunto esses, de valores, segundo Salvador Muñoz Vinâs (2003) que não devem ser considerados inquestionáveis, ao contrário, estão sujeitos à mudanças. Isso varia de caso a caso. Em outros termos, isso varia de objeto para objeto, de lugar para lugar. Segundo esse autor.

> *El patrimonio es aquello en lo que los grupos o las personas convienen em entender como tal, y sus valores no son ya algo inherente, indiscutible u objetivo, sino algo que las personas proyectan sobre ellos. La patrimonialidad no proviene de los objetos, sino do los sujeto: puede definirse como uma energía no-física que el sujeto irradia sobre um objeto y que éste refleja* (MUNÕZ VINÃS, 2003, p. 152).

Pensamento que também é compartilhado por Hernández e Tresseras (2007), quando salientam que esses valores nunca serão absolutos, porque dependem de um contexto cultural, histórico e psicológico. A atribuição de valores aos objetos se dá por relações econômicas dominantes, os critérios de gostos, as ideias, as crenças sociais, pressões políticas, investigações políticas de cada período, entre outros (HERNÁNDEZ; TRESSERAS, 2007). Podemos afirmar, então, que os objetos não seriam portadores de valores e sentidos em si, como já visto. O valor não emana do objeto, mas é uma atribuição dos sujeitos. E é no campo relacional, entre sujeito-objeto, que o espectro valorativo eclode.

Mas quais seriam os valores que atribuímos aos bens patrimoniais hoje? Por quê? Para os autores Hernández e Tresseras (2007), a noção de valor parte "*de la ideia de que el patrimonio vale por todo lo que atesora sus cualidades o virtudes, quizás también virtualidades dis como por lós utilidades que pueda tener, es decir, su valor como recurso*" (HERNÁNDEZ; TRESSERAS, 2007, p. 20). Para Hernández et al (1996), somente o fato de determinado objeto já ser selecionado e colecionado já o faz algo de valor, tendo uma importância superior aos demais. Apresenta um valor não somente utilitário, mas um valor simbólico.

Hernández e Tresseras (2007); e Munõz Vinãs (2003) dizem que, apesar de haver Uma diferenciação e categorização de valores, tal classificação não impede que determinado bem patrimonial seja percebido ou interpretado como pertencente a mais de um desses valores. Isso varia de objeto para objeto e do lugar de representação de cada indivíduo, haja vista que para além da influência do meio, todos temos influências outras . E, também, como visto anteriormente, pelo fato de atribuição de valores ser meramente relativa.

Na comunidade Barreiro do Café, tal situação não é diferente. Os objetos que fazem parte da memória local, também podem pertencer a mais de uma categoria de valor. Isso dependerá do objeto e de quem o estiver observando. Por exemplo, podemos citar as residências edificadas com materiais de taipa e barro. Onde quase todos os entrevistados reconheceram-nas seu valor memorial, identitário, patrimonial e simbólico.

3 Breve história de habitações edificadas com barro e madeira.

Neste capítulo, apresentamos uma breve reflexão sobre a tradicional técnica de construir usando barro e madeira em contexto mundial e local Para tanto, realizamos um recorte no qual trabalhamos com diversos autores da área. buscamos compreender a tradição de edificar usando barro e madeira dentro de um contexto ou viés social. Discorremos também sobre o papel social dos objetos dispostos nas residências localizadas no povoado Barreiro do Café. A partir dessa ideia inicial, apresentamos as principais discussões e reflexões que tangenciam a história das habitações em barro.

A arquitetura em terra tem se configurado como importante e rico registro de um saber popular que foi, ao longo do tempo, amadurecendo e encontrando respostas lógicas e criativas para necessidades concretas no âmbito da organização espacial e das técnicas construtivas. OLIVEIRA (2017).

Cultura milenar, a arquitetura em terra chaga até à atualidade praticamente inalterada, sendo aprimorada com o tempo, e sempre segundo as especificidades locais. São exemplos de conhecimentos técnicos acumulados ao longo de anos de práticas e experiências locais passadas de geração em geração através de tradição oral. Oliveira (2014).

Nessa linha de pensamento, observamos o saber/fazer sobre edificar casas em barro e taipa um patrimônio onde alguns autóctones do povoado deseja preserva-lo. Por outro lado esse conhecimento está se perdendo, sendo substituído por materiais industrializados oriundos da industria de alvenaria, esses muitas vezes com soluções inadequados para regiões específicas.

Pesquisadores como (COSTA, 1941; SAIA, 1995; VITRUVIO, 2012), nos informam que o costume de construir/edificar usando elementos naturais como argila e barro não submetidos ao processo de queima (arquitetura de terra) é tão antiga quanto a história do homem moderno.

(COSTA, 1941; SAIA, 1995; VITRUVIO, 2012) completam que os famosos jardins da Babilônia foram edificados em “arquitetura de barro”. No Egito Antigo, foram erguidas pirâmides de terra, cujas ruínas alcançaram nossos dias. Na China, boa parte da grande muralha foi construída com barro amassado e adobe (Ribeiro, 1998).

Para Silva Filho (2007). A tradição de edificar usando barro teria começado há

10.000 AP quando a humanidade começou edificar cidades. Esta prática se desenvolveu principalmente a partir de regiões do Oriente, como a Mesopotâmia.

No entanto a prática de edificar usando Barro e madeira não se restringiu às grandes civilizações do Oriente Antigo. Em Portugal, o emprego de barro nas várias modalidades construtivas foi incrementado pelos romanos, porém a continuidade de seu uso ocorreu provavelmente entre os mouros. (Oliveira 2014)

No Brasil o uso do barro para edificações persiste até os dias atuais, sendo um dos sistemas construtivos mais antigos, e podemos encontrá-los dispersos por todo o território brasileiro (Ribeiro 1998).

Segundo Silva Filho (2007). A técnica de edificar usando barro chegou ao Brasil trazido pelos portugueses durante o processo de colonização. Esta foi mesclada com técnicas utilizadas por indígenas e africanos escravizados, desde então, ela passou a ser empregada em todo território brasileiro, principalmente para a confecção dos pisos e ou paredes.

Vale salientar que no período colonial utilizava-se muito a técnica de taipa de pilão, por ser o processo mais recomendado para a confecção dos pisos devido ao fato de que com ela o barro apresenta resistência e bom acabamento. Nesse período, as construções com barro eram bem aceitas, sendo usadas tanto nas casas dos donos de terras (Casas- Grandes) quanto nas Senzalas. (SILVA FILHO, 2007, p.74).

Ainda de cordo com Silva Filho (2007), a difusão e manutenção de edificar usando barro são processos complexos, haja vista que a formação da maioria dos arquitetos e engenheiros não contempla disciplinas que tenham como preocupação e interesse as técnicas construtivas tradicionais, essas consideradas simples, descartáveis e anti-higiênicas.

Vítimas desta mesma mentalidade, em muitos casos os proprietários e herdeiros atribuem pouco valor a esse tipo de patrimônio, considerando-o insalubre, inseguro e esteticamente inferior. Símbolo de pobreza e atraso, a construção em barro tem sido esquecida, e o resultado disso é o desinteresse em desenvolver pesquisas sobre o tema (Silva Filho,2007).

Por outro lado, nem mesmo os especialistas que trabalham na área da preservação patrimonial conseguem definir ações concretas para a

preservação das técnicas tradicionais construtivas de casas de barro. Esse saber popular nem é sequer considerado como patrimônio (Silva Filho,2007). Dessa maneira, a arquitetura em barro já se configura como um elemento fantasmagórico, em muitos casos ruínas esquecidas que compõe a paisagem de muitas localidades tanto na área urbana quanto rural.

3.1 Como são ergidas as residências e organização dos espaços.

De acordo com Silva Filho (2007), a arquitetura popular tradicional no nordeste brasileiro apresenta diversas nomenclaturas: pau-a-pique, taipa de sabe, taipa de mão, taipa de varas, taipa de sopapo, taipa de pilão, etc. No Piauí, a técnica de edificar usando medeira e barro é conhecida simplesmente como “taipa de mão” Oliveira (2017).

A taipa de mão, também conhecida como pau-a-pique, é uma técnica construtiva antiga que consiste no entrelaçamento de madeiras verticais fixadas no solo, com vigas horizontais, geralmente de bambu; no Nordeste brasileiro, sobretudo no sertão, usa-se o pau quebra fação[1] para fazer a trama, amarrando-as entre si por caroás[2] ou sisal[3], dando-se origem a um painel perfurado que, após preenchido com barro, transforma-se em uma parede. Das técnicas em arquitetura de barro é a mais utilizada principalmente por dispensar materiais importados. Por conta disso, seu uso é maior nas áreas rurais (Weimer,2005).

A tradição de construir com barro no Nordeste Brasileiro, saber-fazer transmitido através da oralidade, é um exemplo de arquitetura vernacular. O barro apresenta algumas vantagens, tais como: conforto térmico, conforto acústico, auxílio na ventilação, fácil obtenção, além de ser economicamente viável para os sertanejos que não dispõem de recursos financeiros para construir as suas moradias usando cimento e concreto armado. Para Lima Júnior (2007, p.5) a arquitetura em barro é sem dúvida digna de muitas pesquisas. segundo esse autor:

> Essa expressão (arquitetônica) nos chama atenção para as mais variadas formas de entendimento e representação espacial do

[1] *Cochlospermum regium*
[2] *Neoglasivia variegata*
[3] *Agave sisalana*

> ambiente em que se habita. A adaptabilidade e a capacidade de aprender e apreender o ambiente torna a arquitetura não oficial muito interessante e digna dos mais variados estudos.

Como visto, existem muitas indicações para estudos sobre o tema, no entanto a falta de planejamento e politícas de incentivo é um entrave para tais pesquisas. O que se vê é o desaparecimento desse tipo de moradia, salvo pouquissímos projetos de bioconstruções espalhados por algumas cidades do país (Lima Júnior ,2007).

Figs. 1 e 2, à esquerda, parede de taipa e barro, com detalhes para "piques", ripas, caibros e telhas; à direita, preenchimento de trama de bambu utilizando barro, caibros e telhas. Fotos de Carlos Rocha (2013).

No que se refere a parte estrutural das casas no povoado estudado, essa é feita por uma trama de madeira; em seguida, faz-se o arremesso de uma pasta de barro utilizando-se as mãos para moldar e compactar a parede, tanto pelo lado interno, quanto pelo externo.

Segundo o senhor Antônio, morador mais antigo da comunidade, o barro utilizado deve provir de um local cuja qualidade seja garantida, para ele no caso do povoado Barreiro do Café, esse barro de qualidade garantida, trata-se de um tipo de argila, um barro com muita liga. Geralmente esse material é retirado no território do próprio povoado, local que fica a menos de 300 metros das residências. No seu preparo é importante adicionar uma porção de areia para garantir uma maior aglutinação, reduzindo as possibilidades de esfarelamento. Na arqueologia o aditivo dessa mistura é conhecido como ant-plástico. Oliveira (2017).

Em muitos contextos no nordeste, ainda poderiam ser adicionados outros elementos ao composto, como cacos de cerâmica, folhas, esterco de

animais e cascas secas de árvores, entre outros (RIBEIRO, 1998). No Povoado Barreiro do Café, para preparo do barro se usa esterco de animais e fibras de sizal (ALEXANDRIA & LOPES, 2009).

Os pisos das residências em barro, geralmente são de terra batida. Nas casas mais abastadas, podem conter ladrilhos de adobe, chamados localmente (Sudeste do Piauí) de atijolado; nas chochas, nos domicílios mais humildes todo o piso é de terra batida (SILVA FILHO, 2007). Em nossa área de estudo o chão é composto apenas por terra batida. Segundo um morador, esse fator deixa o chão mais refrigerado.

Quanto aos tipos de cobertura, estes se apresentam em materiais diversificados, podendo ser de cascas secas de árvores, ou palhas de palmeiras, como da carnaúba[4]. No entanto, predomina a utilização de telhas de barro de produção local ou regional, apresentando irregularidades quanto ao tamanho, espessura, tratamento de superfície e queima.

A setorização destas edificações proporciona informações relacionadas tanto ao funcionamento quanto à hierarquia e aos modelos de circulação interna. LIMA JÚNIOR (2007) acrescenta que os mesmos fornecem indícios sobre a natureza social, hábitos comportamentais, ou mesmo intimidades do grupo familiar.

Seguindo essa reflexão, fazemos aqui algumas considerações sobre espacialidade. De acordo com Zarankin (2002), os humanos percebem o mundo através de fixações dos espaços habitados que são denominados “lugares”. Assim, o espaço passa a ser domesticado em sua totalidade quando é transformado em “lugar”, ou seja, a efetivação do domínio ocorre somente a partir de uma tomada de consciência sobre o espaço, passando se dessa forma, à sua ocupação e utilização.

Para que esta concepção ocorra é necessário ainda que seja imposta uma nomeação do espaço, além de intervenções e alterações reconhecidas no meio físico, por exemplo, através da inserção de elementos arquitetônicos e espaços edificados. Na mesma linha de pensamento Borrazás, et all,2002 afirmam que:

> Se entiende por *Arquitectura* la manipulación antrópica de um espacio dado mediante técnicas constructivas que varían a lo

[4] *Copernicia prunifera*

> largo del tiempo atendiendo a factores sociales, culturales y económicos. La arquitectura estaria relacionada tanto con su entorno físico como con la sociedad que la genera, siendo su forma concreta fruto de una idea o percepción compartida por la colectividad de individuos de una sociedad, y por lo tanto comprensible dentro de ella, directamente relacionada con los códigos de uso y concepción del espacio y con los esquemas de pensamiento de esa sociedad. (Borrazás, Rotea e Vila,2002, p.15)

Deste modo, os coletivos humanos ao tempo em que percebem, delimitam e reconfiguram o meio físico, passam a viver em uma realidade espacial culturalmente concebida. Nesse sentido, espaço é também uma construção social imaginária, em movimento contínuo e enraizado na cultura, existindo uma estreita relação estrutural entre as estratégias de apropriação do espaço. (Boado,1993).

Na comunidade rural Barreiro do Café existe forte relação da percepção humana com o uso de materiais naturais na construção de suas residências, bem como apropriação e organização dos espaços edificados. Portanto, há relação emocional e simbólica com o meio territórial. Nesse sentido dialogamos também com (Santos 1988, p.11). Quando ele diz que:

> A partir do momento que o homem apropria-se e emprega em seu favor alguns dos principais elementos materiais compositores do meio físico, ele deixa de ocupar um papel de "passividade" perante o meio, e insere-se em uma categoria de ser atuante, modificador, que molda de acordo com suas necessidades o local onde habita, ou que pretende habitar, produzindo assim um novo cenário, composto de espaços próprios para sua atuação.

Nesse contexto, os moradores e edificadores do povoado Barreiro do Café são aqui percebidos como agentes ativos das relações sociais, produtores de cultura, memórias, manutenção de tradição e preservação patrimonial. Nessa localidade, as relações são de tensão, acordos, conflitos e negociacões intra e extra grupo.

No que se refere aos espaços internos das residências no povoado, destacamos alguns objetos, esses observados aqui como agentes de

evocação de memórias e patrimônio, visto pelos moradores como herança de entes queridos cujas recordações por meio dos mesmos portam memórias de alegria e tristeza.

Aqui as memórias sociais e narrativas que são produzidas no espaço, enfatizando a duração da memória dos e sobre os objetos. É possível perceber as diferentes formas as quais pessoas do local os interpretam, representam e imaginam os objetos.

A residência do senhor Antônio também se manifesta como um espaço de compartilhamento de reminiscências, onde esse morador e filhos torna-se um guardiões das mesmas, compartilhando memórias através dos objetos e manifestando o imaginário coletivo do povoado em relações que são constituídas com os objetos elevando sua valoração a um ator não humano, constituindo diálogos entre diferentes atores, produzindo vínculos sociais e gerando formas particulares de solidariedade, confiança e sociabilidade fundamentais para a vida social.

Em uma das casas um morador se emocina ao nos mostrar e contar histórias sobre uma panela de ferro e gamela usadas para cozinhar alimentos em maior quantidade nos dias em que os filhos visitava a ele e sua esposa.

Segundo o morador, esses objetos, gamela e panela, guardados hà tempos, lhes fizeram recordar sua esposa, já falecida e consequentemente, momentos de reunião familiar onde, conversavam, comiam e contavam histórias.

Fig, 3. Foto de panela e gamela, objetos de recordação. Foto de Carlos Rocha (2013)

Nessa esteira de pensamento, Brahm (2017).Diz que muitos objetos, móveis ou imóveis, durante sua vida, esmaecem seu valor funcional para o qual foram inicialmente concebidos, e lhes são atribuídos novos valores, sejam intrínsecos, ou extrínsecos. Passam a ter uma segunda vida, agora, como patrimônio. O sujeito, muitas vezes, é movido por uma “vontade de memória” (NORA, 1993), e busca, consequentemente, ao eleger determinado objeto como patrimônio, reencontrar-se com o passado, a partir do presente, essa segunda vida dos objetos como agentes das relações no povoado encontram-se muito presente na casa mais antiga do povoado onde memória e história são sempre trazidos para o hoje em rememoração do fluir cotidiano.

3.2 Tradição de edificar usando madeira e barro, contexto local

Nesse subcapítulo dissertamos sobre como a tradição de edificar usando madeira e barro tem se configurado como elemento fundamental das relações sociais e como fio condutor na evocação de memórias dos moradores da comunidade rural Barreiro do Café na cidade de São Raimundo Nonato no sudeste do estado do Piauí. Citamos ainda os problemas

enfrentados pela comunidade e sua resistência em manter-se habitando seu território.

Foto aérea destacando a rota para o povoado Barreiro do Café.
Fig. 4, (Foto cedida por Mateus Iguatemy).

O povoado Barreiro do Café está localizado a dez quilômetros da sede do município de São Raimundo Nonato, município que abriga parte de um dos mais importantes patrimônios da humanidade: o Parque Nacional Serra da Capivara, importante museu a céu aberto detentor de um grande complexo arqueológico.

No contexto dessa riqueza histórica e arqueológica, encontra-se nossa área de pesquisa, que é formada por onze casas. Habitações que poderiam acrescer o valor arqueológico da região por meio do estudo de suas técnicas construtivas e da memória de seus habitantes. Contudo a preservação dessa técnica construtiva não acontece, haja vista que a mesma não faz parte do projeto político do Parque Nacional Serra da Capivara.

Para Oliveira (2017). Na comunidade Barreiro do Café Imagens e palavras, pedras e espaços imaginados e vivenciados, são considerados como formas de escritas que se articulam para construir a memória da comunidade, mas que, por outro lado, torna possível entender a comunidade como um lugar de memória. Ampliando o conceito de escrita busca estabelecer um diálogo entre essas mais diversas formas de expressão, o que contribui para melhor

compreendermos a experiência de habitar a zona rural no semiárido. E na tentativa de aproximar o ato de edificar espaços concretos com narrativa que os resignifica, dando-lhe o sentido de lugar. (OLIVEIRA, 2017, p. 15).

No contexto histórico do Povoado Barreiro do Café, existe a tradição de plantar mandioca e fazer farinha, esses como parte do patrimônio local, manifestos no saber fazer, herança passada de pai para filho.

3.3 Casa de Farinha

Nos sertões, as casas de farinha são importantes pontos de estreitamento das relações sociais. No povoado Barreiro do Café não é diferente. Na casa de farinha, imagens e palavras, pedras e espaços imaginados e vivenciados são formas de escrita que se articulam para construir a memória do povoado. Ademais, por outro lado, torna possível entender a comunidade como um lugar digno de proteção patrimonial. Ampliando o conceito de escrita, estabelecemos aqui um diálogo entre essas mais diversas formas de expressão, o que nos ajudou entender melhor a experiência de habitar a zona rural no semiárido (Oliveira, 2017).

Foto. 5. Casa de farinha em São Raimundo Nonato. Vista frontal do forno mostrando a chapa.
Foto de Carlos Rocha 2013

Nas casas de farinha o combustível normalmente é provido por lenha colocada debaixo de uma chapa, geralmente de pedra. A massa pode ser mexida por pás mecânicas ou manualmente. No caso do povoado pesquisado todo trabalho é feito manualmente. Essa é a fase que exige maior experiência e atenção, pois são muitos os detalhes para um processo bem sucedido: intensidade do fogo, rapidez no mexer, a quantidade de massa por lote, o ponto certo da farinha, etc. A farinha está pronta! É só esfriar e ensacar. Aproveita-se a oportunidade e o forno para fazer um pouco de beiju para os trabalhadores do mutirão. O labor é uma festividade. Seguindo uma lógica de algumas comunidades tradicionais onde o trabalho não é encarado como sofrimento, ao contrário, segue-se cantando e brincando com os participes.

Todo processo de produção da farinha de tapioca é montada pela comunidade para atender uma necessidade de subsistência. Muitas dessas comunidades tradicionais são formadas por diversas famílias. Cada casal geralmente tem muitos filhos que ajudam no labor, o que consolida tal atividade econômica na medida em que fortalece os laços familiares.

Essa mesma composição familiar forma o caráter da comunidade em escala maior, tornando-a uma grande família, o que consolida a estrutura de produção. São várias unidades familiares independentes que mantém cooperação entre si criando cumplicidade e laços culturais fortes. Com o tempo vão criando raízes, e nesse sentido ela tem força para se manter ao longo do tempo, criando suas próprias tradições, saberes e fazeres traduzidos em saber popular (Oliveira 2017).

De acordo com Cardoso (2014), o saber popular é uma tradição regional que é transmitida através da oralidade. Nesse sentido podemos dizer que nas comunidades tradicionais o passado é atualizado constantemente através das atividades cotidianas, e assim vão construindo fortes laços culturais e afetivos. Ainda que alguns elementos da produção econômica da farinhada se modifiquem ao longo do tempo e de acordo com a região, sua estrutura se mantém.

A tradição tem esse poder, o de ligar o presente ao passado, de manter o passado na dinâmica do presente, e ela é resiginificada, reatualizada o tempo inteiro na vida vivida. Valores culturais que são cultuados, ressignificados, atribuídos, constantemente na dinâmica do fluir cotidiano

(Oliveira 2017).

Atualmente o que tem acontecido numa lógica moderna, e até da sistematização da produção do espaço, é a ruptura com esse passado que se dá de diferentes maneiras. Busca-se criar modelos, ou um modelo ideal rompendo com a dinâmica social onde a tradição dessas comunidades ainda tem um grande papel na sua estruturação. E nesse sentido fragiliza essas mesmas comunidades tradicionais.

Quando se impõe um modelo se quebra o movimento da vida que está no cotidiano daquela comunidade, inviabilizando as mudanças, a criatividade, o improviso, a imperfeição que são elementos naturais da vida. Isso é a morte, porque vida é movimento. Por outro lado a estrutura social na comunidade se reinventa, se reconstroi e cria novas formas de vida e se moldar ao modelo acompanhando a fluidéz das identidades.

Fig. 6. Prensagem de mandioca: processo manual. Carlos Rocha 2013.

Em alguns povoados do entorno da Serra da Capivara, o governo municipal em parceria com a Fundação Museu do Homem Americano, colocou em prática modelos de moradias e modificação das práticas cotidianas acreditando estar oferecendo melhorias para essas comunidades. No entanto, o resultado que se tem visto é um grande esvaziamento nessas comunidades,

porque se tem criado modelos idealizados e muito distantes das práticas tradicionais dos seus habitantes. Por outro lado, comunidades como a aqui estudada, se reinventa e cria novas formas de continuação das tradições. Oliveira, (2017).

3.4 Patrimônio Ameaçado: A probemática do lixão

Nesse subcapítulo discutiremos os problemas enfrentados pelos moradores do povoado por causa de um lixão nas suas proximidades e exploração de níquel e ferro encontrados nos arredores do povoado. Discutiremos também como eles se organizam para captar água potável e manter a tradição da caprinocultura.

Em São Raimundo Nonato foi criado um lixão para descarte de resíduos sólidos, próximo ao povoado Barreiro do Café, esse vem causando sérios danos aos moradores, no que se refere à saúdos dos mesmos e dos animais domésticos. Outro fator agravante será a exploração de minérios (níquel e ferro) existentes nos arredores do povo. O início dssa exploração está previsto para 2020.

Fig. 7. Lixão a céu aberto em São Raimundo Nonato Piauí. Foto. Carlos Rocha 2013.

Esse lixão foi criado em 1995 e infringe a lei N° 12.305/2010, de segurança sanitária, que propõe a deposição de resíduos sólidos, particularmente lixo domiciliar, em aterros sanitários (locais utilizados para a disposição de resíduos sólidos no solo). Essa lei se fundamentada em critérios de engenharia e normas operacionais específicas regulamentando a

confinação segura em termos de controle de poluição ambiental e proteção à saúde pública. Esta lei também propõe que os aterros fiquem a uma distância mínima de 10 km de qualquer área habitada.

No povoado o ambiente natural sofreu alterações e consequentemente a cultura local foi afetada (Oliveira,2017). O relacionamento entre as comunidades vizinhas já não é o mesmo e as tradições praticadas pelos moradores parecem ter sido “profanadas”, forçando-os a criar novas estratégias de ação. Um exemplo é o manejo com os animais, que antes criados soltos, agora são criados em ambientes fechados. (Oliveira 2014). Em alguns casos os animais escapam dos chiqueiros e acabam se contaminando no lixão.

Fig.8. Chiqueiro com bodes e cabras. Fonte, Cícero Oliveira 2017.

Outro problema é a captação de água potável. Antes do lixão, os moradores armazenavam água em um caldeirão, um reservatório natural, e a filtravam assim podiam matar a cede dos animais. Hoje, os urubus que vem se alimentar no lixão bebem diretamente no reservatório, o que levou os moradores a construirem cisternas para capatação de água.

Fig,9. Sistema de captação de água da chuva na Comunidade Barreiro do Café.
Foto: Carlos Rocha, 2013

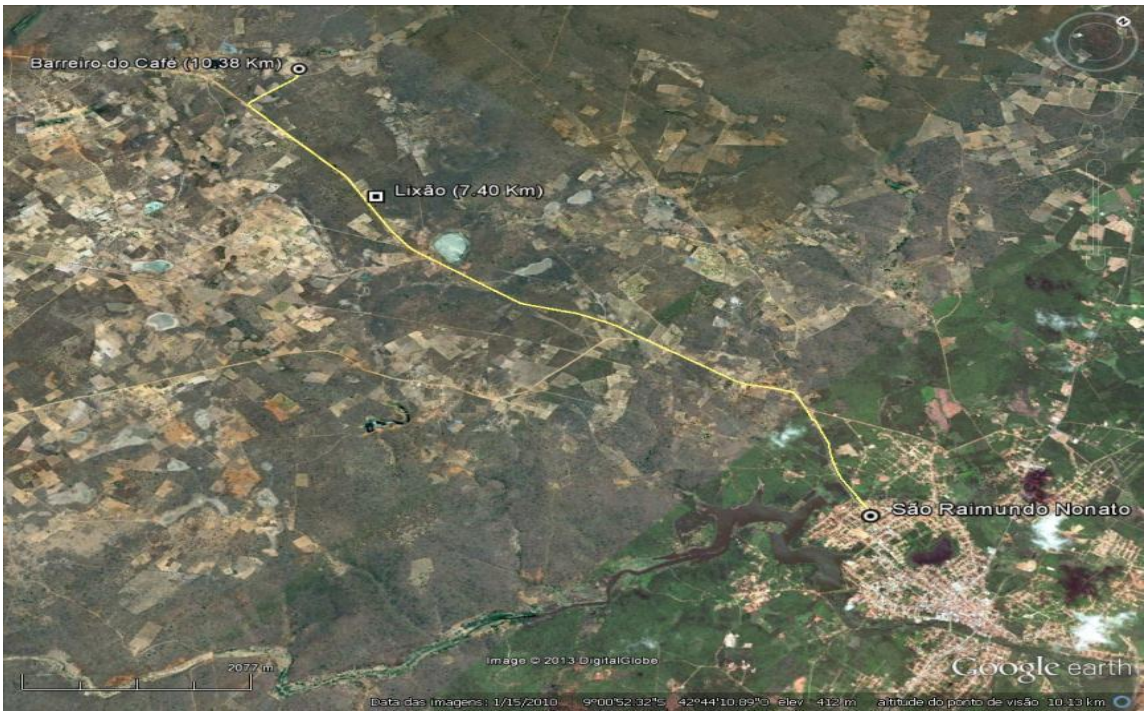

Fig. 10.foto aérea destacando a proximidade da comunidade Barreiro do Café com o lixão.
Imagem cedida por Matheus Iguatemy.

Por um lado os moradores do povoado sofrem pressão com ofertas de remanejamento para assentamentos fora das suas terras, no entanto resistem, preservando seus patrimônios, suas memórias e afirmando suas identidades.

4 VOZES DOS MORADORES DO POVOADO BARREIRO DO CAFÉ

Nesta parte do trabalho, apresentamos o desenvolvimento da pesquisa oral e interpretação das entrevistas. Buscamos aqui entender as relações que o grupo social pesquisado estabelece com a arquitetura popular e de que maneira as novas tecnologias construtivas têm impactado na capacidade de produção da arquitetura de terra. Por fim, apresentaremos os principais resultados e análises obtidas na pesquisa de campo.

4.1 O desenvolvimento da pesquisa no povoado Barreiro do Café

Em busca de alcançar o objetivo da pesquisa, foram aplicadas entrevistas com os moradores do povoado, no período de 01 de janeiro a 13 de fevereiro de 2017. As entrevistas foram aplicadas principalmente aos sábados e domingos, dias em que os autóctones estavam de folga do laboro e tinham maior disponibilidade Aplicamo-las também no período de farinhada para verificarmos como funciona essa tradição. Ressaltamos que no período da farinhada, como os autóctones estavam reunidos a aplicabilidade das entrevistas aconteceram durante todo o processo que geralmente duram dias ininterruptos.

Os moradores eram convidados, pelo pesquisador, de forma aleatória, a participarem da pesquisa.

As perguntas foram, inicialmente, constituídas de gênero e idade dos entrevistados, seguidas das seguintes:

- Você é morador ou já residiu no povoado?
- Qual sua profissão?
- As residências de taipa e barro significam ou representam algo para você? O quê?
- Ao vê-las, elas te trazem alguma lembrança?
- Vocês se identificam com a festa de farinhada? Qual é a sua importância?

- Se não existissem mais casas de taipa e barro e temporada de farinhada, isso faria alguma diferença para você? Por quê?

Observamos que as pessoas entrevistadas, com idade superior a 50 anos, narravam suas histórias de forma saudosista, remetendo, sobretudo, a lembranças de um passado que se consubstancia no presente.

Em outras palavras, ainda que alguns elementos da produção econômica da farinhada e das edificações de residências de taipa e barro se modifiquem ao longo do tempo e de acordo com a região, sua estrutura se mantém. A tradição tem esse poder, o de ligar o presente ao passado, de manter o passado na dinâmica do presente, e ela é resiginificada, reatualizada historicamente. Valores culturais que são ressignificados constantemente na dinâmica do fluir cotidiano. Para Lucília Delgado (2010):

> As inúmeras formas de narrativas, constrói-se a memória de um tempo que antecedeu ao da vida de uma pessoa. Ultrapassa-se a cronologia atual e o homem mergulha no seu passado ancestral. Nessa dinâmica, memórias individuais e memórias coletivas encontram-se, fundem-se e constituem-se como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico (DELGADO, 2010, p. 11).

A partir momento que o pesquisador comentou ser agricultor, e que na Bahia também mora em um povoado a pesquisa tomou novo rumo, os agricultores/construtores, entrevistados se sentiram mais à vontade em falar o que viveram e vivem, suas lutas, suas conquistas e dificuldades do dia a dia.

O pesquisador passou a ser visto como alguém que sabe como funciona a lide na lavoura O estranhamento quebrou-se, a fronteira do homem que vem da universidade rompeu-se, porque ali foi visto como pertencente ao meio, alguém que conhece os códigos da vida no campo.

A fala do pesquisador sobre ser agricultor foi comprovada quando o mesmo participou de construção de casas, colheita de mandioca, colheita de feijão, participou da tradicional farinhada, também cavou buracos para fincar postes e cercar quintais para criação de ovelhas. Parece haver, nesse sentido, uma quebra de barreira semântica.

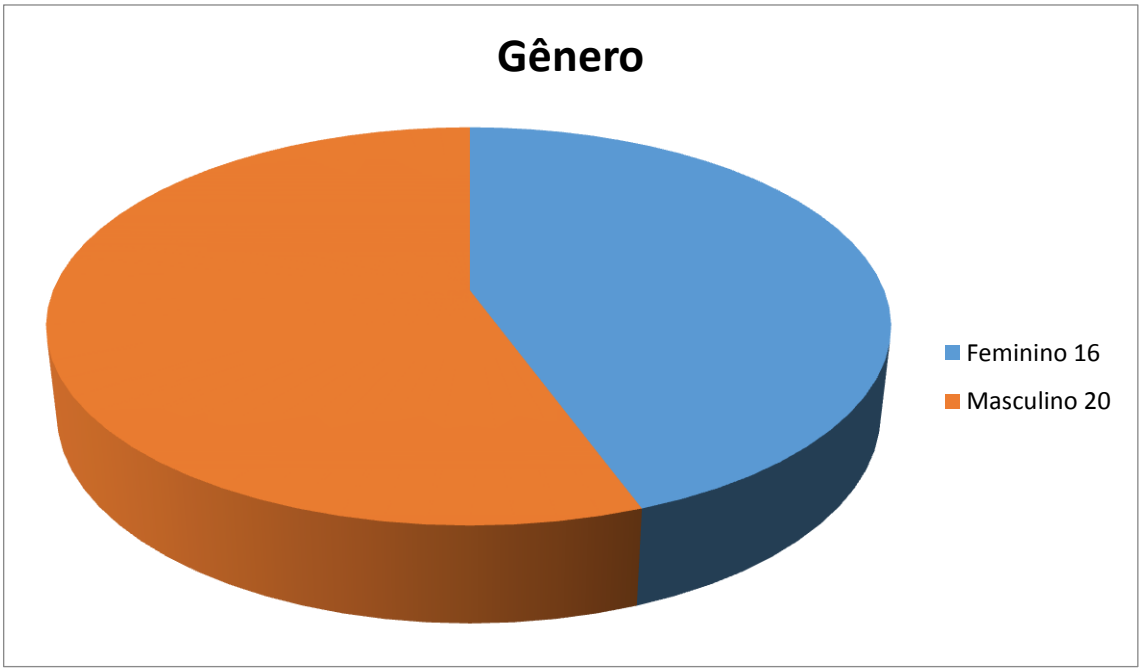

Fig. 11. - Gráfico do gênero dos entrevistados

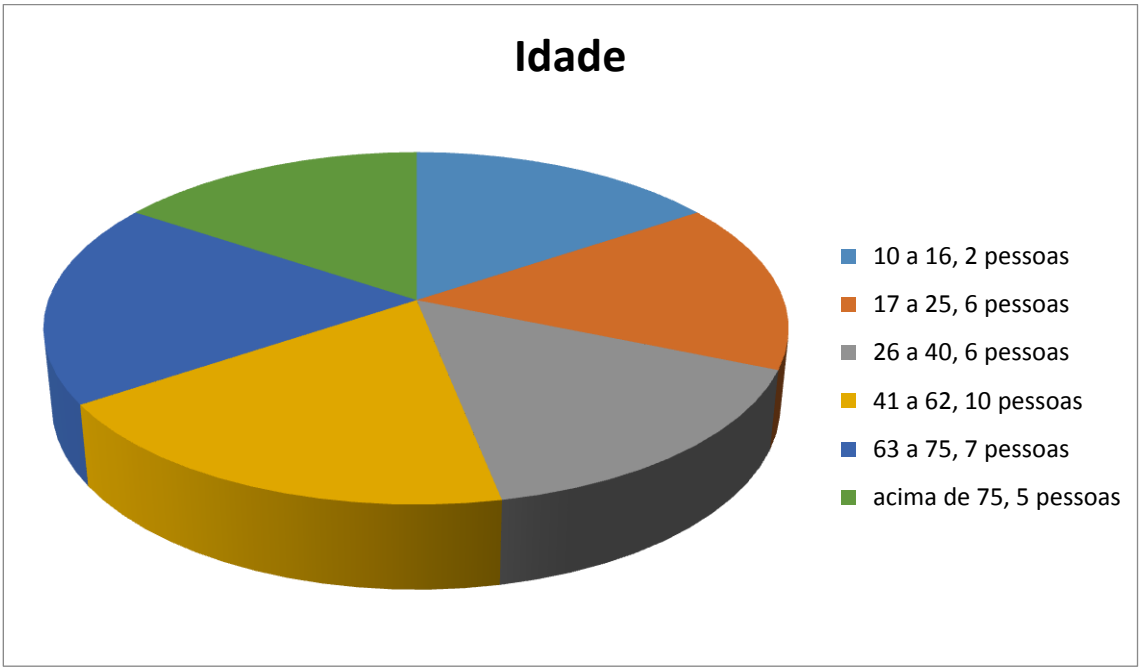

Figura. 12. Grafíco representando a idade dos entrevistados.

No tocante ao lugar de residência dos entrevistados, 34 disseram que moram na área rural. duas pessoas, filhos do patriarca do povoado, disseram que já moraram na área rural e hoje moram na cidade. De forma geral, os dois únicos entrevistados que não residem no povoado visitam essa localidade frequentemente e fazem parte da memória local e ali afirmam suas identidades.

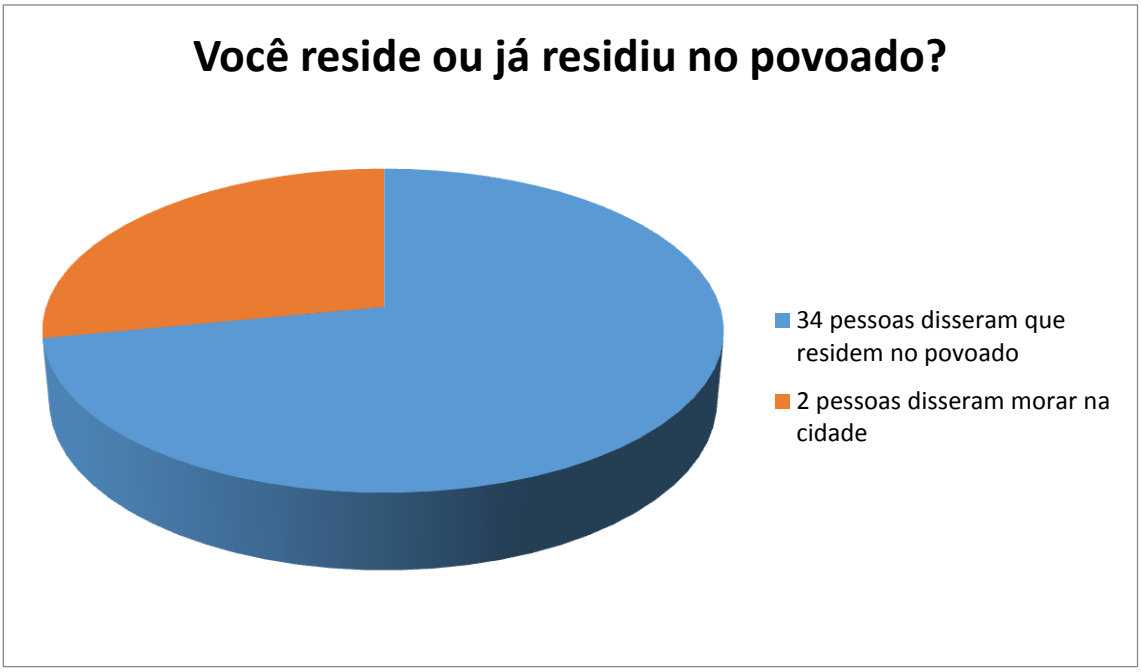

Fig. 13. Gráfico: residências dos entrevistados.

No que se refere às profissões dos entrevistados, se destacam: padeiro 1 pessoa, pedreiro 1 pessoa, agricultores/caprinocultores 18 pessoas, dona de casa 16 pessoas.

Fig. 14.Gráfico: profissão dos entrevistados

Na análise dos dados, referente às residências de taipa e barro, indagamos o seguinte: as residências significavam ou representavam algo para você, do total de entrevistados 30 pessoas disseram que sim. Dentre esses, 20

pessoas lhes atribuíram um significado de local para morar, um meio mais barato para possuir moradia própria. Outras 10 pessoas, principalmente os mais velhos, atribuíram às residências valor para além de funcional, ou seja, atribuíram também valor simbólico, algo representacional. Os principais significados atribuídos às residências remetem a memórias de infância, folia de reis, festas juninas, festas da farinhada, lembranças dos pais e irmãos, maridos e esposas, muitos já falecidos. para esses últimos as casas de barro representam a resistência que tiveram em manter a tradição de edifica-las, haja vista que muitos projetos surgiram naquela região visando acabar com as moradias de barro. Para 6 dos entrevistados as residências não tem valor funcional ou simbólico.

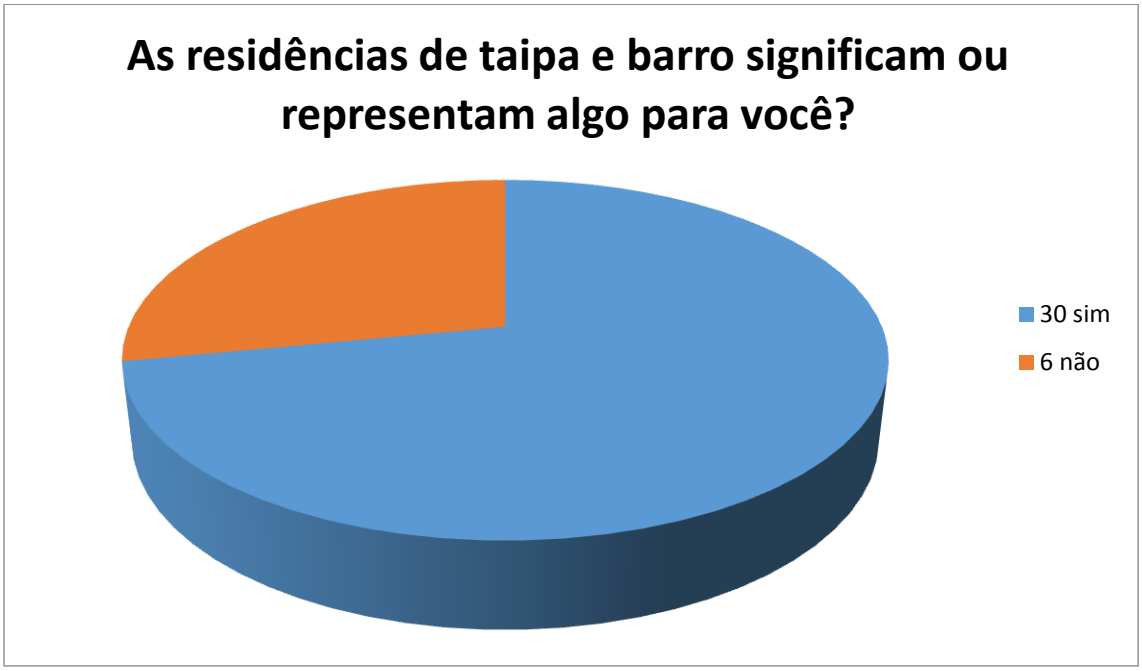

Fig. 15.Gráfico sobre significado e representação das residências

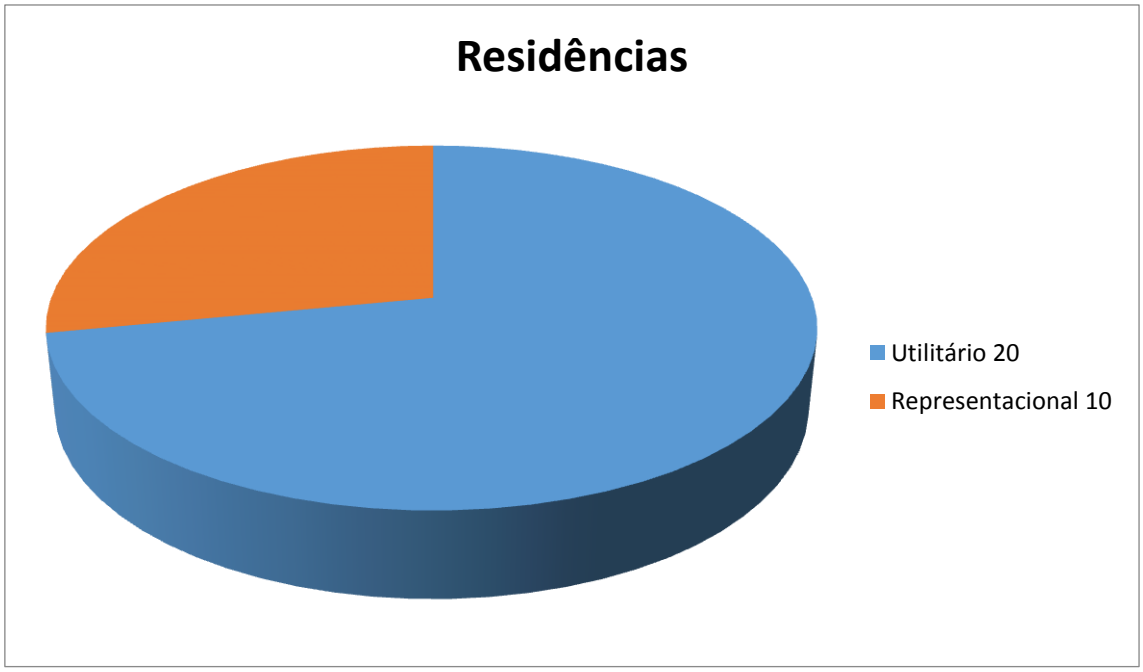

Fig.16.Gráfico sobre significado utilitário e representacional das residências

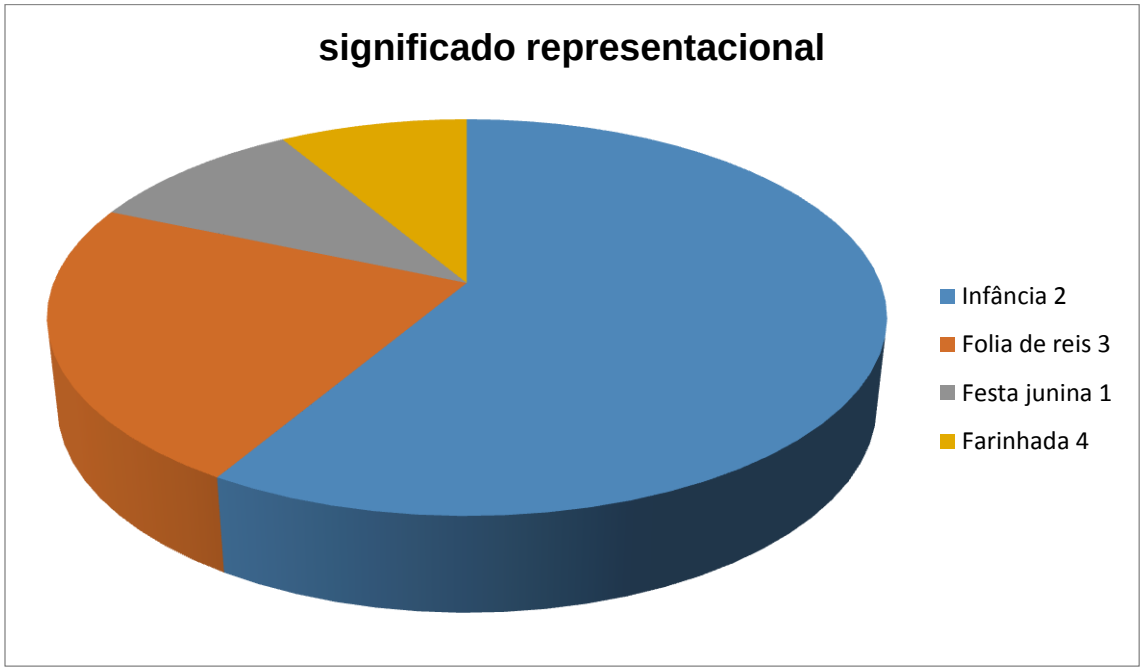

Fig. 17.Gráfico sobre significado representacional das residências

Vocês se identificam com a festa de farinhada? Qual é a sua importância? Quando questionados sobre plantio de mandioca e festa de farinhada, todos disseram ser importante tanto para alimentação humana quanto dos animais, também para festeijar a boa colheita e estreitar os laços sociais, haja vista que essa é uma temporada em que parentes e amigos vem

ajudar nos trabalhos, algo chamado no Piauí de adjunto, um tipo de multirão.

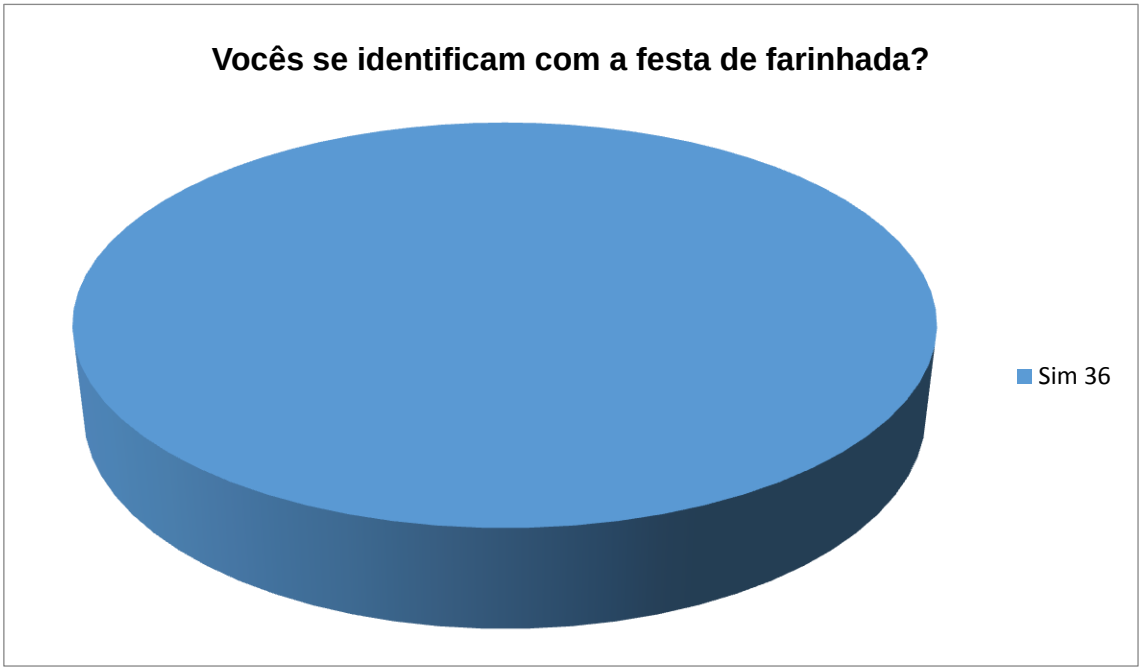

Fig. 18. Gráfico sobre pessoas que se identificam com a casa de farinha

Ao serem questionados sobre lembranças na casa de farinha, as respostas foram de momentos relacionados a família, amigos, namoro e momentos de festejar.

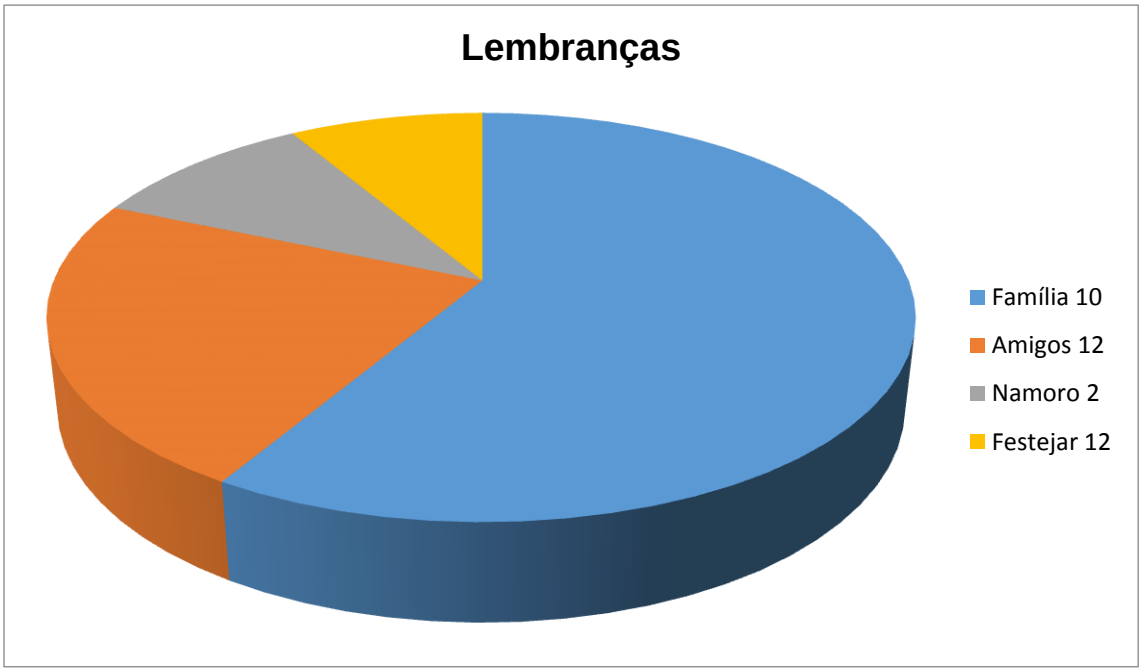

Fig.19. Gráfico sobre lembranças das casas de farinha.

Por último os entrevistados foram indagados sobre se não existissem mais casas de taipa e barro, e se isso faria alguma diferença para os mesmos. Para alguns as respostas foram que as moradias são importantes como habitação, um lugar para outros morar outros responderam que são importantes para morar e guardam também recordações, memórias de entes queridos, alguns já falecidos. No entanto todos responderam que seria ruim sem a opção de construir usando elementos naturais.

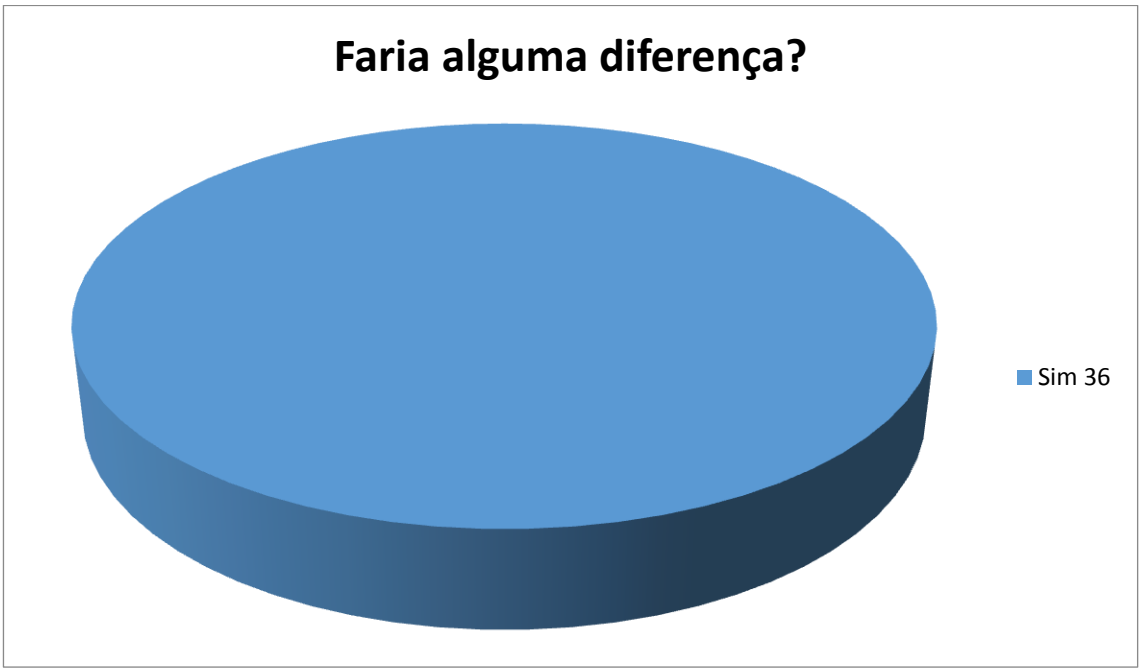

Fig.23. Gráfico sobre diferença sem casas de barro.

Notamos aqui que existe interesse dos autóctones em manter as construções em taipa e barro no povoado e que essas fazem parte de suas memórias para que as gerações futuras possam entender e conhecer os costumes e os modos de vida do morador do campo. Isso implica pensar as edificações em barro como documentos traduzidos nos saber e fazer local, elemento fundamental para reconhecimento de suas memórias.

De modo geral, a pesquisa apontou para o fato de que as edificações em taipa e barro são responsáveis por ajudarem os entrevistados a afirmarem ainda mais suas identidades e memórias. Os dispositivos da memória possibilitou que os entrevistados que já percebiam, percebessem muito mais as suas residências como patrimônio a ser preservado como acervo do espaço habitado. Os entrevistados reconheceram-nos como mediadores na criação de

conexões entre tempos, espaços, mundos e pessoas próximas e distintas, corroborando com a preservação das suas tradições.

Percebemos que o que nos une é bem maior do que o que nos separa, percebemos que preservar não é apenas preservar o objeto ou o saber fazer em si e sim compreender quem fomos, somos e queremos ser.

5 Considerações finais

Neste trabalho sugerimos o desenvolvimento de pesquisas que incluam em suas análises os rituais associados à arquitetura de taipa e barro, como é o caso da comunidade Barreiro do Café, e a divulgação de seus valores para a comunidade e sua relação com o meio ambiente.

Constatamos que a arquitetura em barro e madeira é encontrada nos sertões brasileiros como uma alternativa de construção economicamente viável em relação ao modelo de construção moderno atual, apresentando-se também como símbolo de tradição e cultura, formadora de suas próprias memórias e identidades.

Observamos que memória e identidade andam juntas e não podem ser pensadas de maneira separada. Ambas, a rigor, são indispensáveis na consolidação da trajetória de vida do sujeito, tanto de maneira individual, quanto coletiva. Na verdade, memória e identidade são essenciais para que determinado objeto seja elevado à categoria de patrimônio pelos diferentes grupos e sociedades.

O patrimônio é constituído, no presente, por meio da patrimonialização ou por atuação de grupos sociais que revindicam a legitimidade de tais objetos como bens patrimoniais. Antes de se preservar determinado objeto para o futuro, como herança, é preciso que o patrimônio a ser preservado seja importante para as pessoas, no presente; que ele cumpra uma função social;e que produza ressonância. Podemos dizer que, nesse momento, o patrimônio, efetivamente, vive, respira, faz parte de nossas vidas.

Vimos, ainda, que os objetos como as casas de barro podem ser inseridos na categoria de representação da realidade. Muito mais que objetos físicos, são suporte culturais, o que os tornam únicos. Isso garante a sua legitimidade e importância para as pessoas que os selecionam, a partir da memória social, para a sua preservação e difusão. São-lhes atribuídos novos significados, nova função (agora, simbólica e representacional), carregados de valores e sentimentos. Tais mundos criam conexões com lugares, espaços, culturas, pessoas, que se presentificam, simbolicamente, através dos mais variados lugares de representação.

Destacamos, também, que diversos são os motivos que levam as

pessoas a preservar e manter suas tradições. Tal motivação e ato acontecem ou pelos valores estético, sentimental, de ostentação, ou, simplesmente, pelas informações históricas encontradas em cada objetos considerado patrimônio, ou, ainda, pela evocação de memórias, afirmação de identidades, ou, ainda mais, e não menos importante, por nostalgia (recordação pessoal, envolvimento, saudade de tempos, lugares e situações vividas).

Por último, expusemos as problemáticas/anseios dos moradores do povoado Barreiro do Café e os desafios enfrentados pelos mesmos em um mundo cada dia mais voltado para exploração e exclusão de povos subalternizados. Apresentamos o importante papel cultural, e social, pelo grupo aqui estudado bem como a somatória de forças que o referido grupo tem com grupos e sociedades aos quais pertencem.

Nesse sentido, buscamos corroborar com a comunicação, transmissão e manutenção da tradição de edificar usando madeira e barro por entendermos as residências aqui apresentadas como bens patrimoniais a serem preservados.

Em relação ao estudo aqui realizado, pudemos observar que é pelo prisma da valorização e manutenção das tradições que os entrevistados evocaram suas memórias e afirmam suas identidades, bem como estabelecem conexões para o simbolismo do objeto edificado.

Nesse sentido, popdemos dizer que o sujeito é um ser social que é moldado, diariamente, por influências internas e externas nas quais está inserido, essas são em alguns casos imperceptíveis e em outros como aqui em nosso trabalho bem perceptíveis. Percebemos que o funcionamento do povoado é uma rede que entrelaça as pessoas e suas representatividades, essas abrem espaço para as mais variadas visões de mundo, na maioria das vezes voltadas para o bem comum dos autóctones.

Percebemos, além disso, que as residências em barro aqui estudadas comportam dados intrínsecos e extrínsecos. Porém, podemos considerar, aqui, um terceiro estrato: os sentidos que podem ser gerados a partir das relação entre o sujeito e a cultura material; esses, por sua vez, são únicos, imensuráveis e mimetizáveis de acordo com as memórias e emoções que são desencadeadas no cognitivo do sujeito. Essa constatação pode ser observada no estudo aqui apresentado.

Abordamos que os entrevistados atribuíram valores de funcionais e simbólicos às residências e quando indagados sobre o desaparecimento total desse tipo de habitação responderam que ali no povoado essas não poderiam deixar de existir por fazer parte das histórias de suas vidas, logo parte da formação de suas identidades. Nesse momento, os moradores do povoado reconhecem todo o valor que o patrimônio tem em sua vida, na medida em que preservá-lo, também, é preservar quem foram, são e serão.

Da mesma forma, foi abordado na pesquisa que essas residências são, efetivamente, um lugar de memória, na medida em que possibilitas que os seus moradores façam as mais variadas conexões relacionadas a importantes lugares para relembrarem seu passado e sua trajetória de vida, bem como para recordarem de como eram e são os costumes e a vida no campo. Em outras palavras, podemos dizer que os sujeitos veem essas residências como um espaço, um lugar, para evocarem memórias, sejam elas positivas ou negativas, individuais ou coletivas.

Por fim, a pesquisa apontou que a formação da maioria dos arquitetos e engenheiros não contempla disciplinas que tenham como preocupação e interesse as técnicas construtivas tradicionais. as construções de taipa e barro são um tipo de arquitetura que sempre foi considerada descartável por sua simplicidade. Vítimas desta mesma mentalidade, os proprietários e herdeiros em alguns casos (o que não é o caso da maioria dos moradores do povoado Barreiro do Café), atribuem pouco valor a esse tipo de patrimônio, considerando-o insalubre, inseguro e esteticamente inferior. Símbolo de pobreza e atraso a construção em terra tem sido esquecida, e o resultado disso é o desinteresse em desenvolver pesquisas sobre o tema.

Constatamos que no povoado Barreiro do Café foi construído um total de onze unidades, todas da mesma família. As três primeiras foram levantadas por seu Antônio, patriarca da família que usou a técnica construtiva de taipa e barro, ou taipa de mão. Em bom estado de conservação encontram-se habitadas desde então, resistindo às campanhas lucrativas impostas pelo modelo de construção moderno. Carregadas de simbologia, memória e identidade, a arquitetura de terra se revela como patrimônio nesta conjuntura de exclusão.

Ao final dessa pesquisa sugerimos instaurar em São Raimundo Nonato

uma comissão permanente de patrimônio e memória, essa para articular ações, que possam elevar a legislação já existente em conteúdo pedagógico e ações efetivas, alinhando a temática e jornadas para inclusão do patrimônio rural. E trabalhando em pareceria com o IPHAN órgão maior de proteção ao patrimônio.

Se aceita for a proposta, buscaremos envolver outros seguimentos da sociedade, com o intuito de ampliar os debates públicos através de audiências, buscando fomentar a necessidade de uma divisão do patrimônio histórico, artístico e cultural de São Raimundo Nonato.

O terceiro passo sugerido é o de criar um conselho de cultura por acreditarmos ser importante no funcionamento democrático, por dar voz e vez à sociedade, ao promover diálogos com os poderes maiores de proteção ao patrimônio.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRIA, Selma Saraiva de; LOPES, Wilza Gomes Reis: **A tradição de construir com terra no semiárido piauiense.** In Sustentabilidade do semiárido (Org.): Wilza Gomes Reis Lopes, Maria do Socorro Lira Monteiro, José Machado Moita Neto. -Teresina: EDUFPI, 2009

ARÉVALO, Javier Marcos. La tradición, el, patrimônio y la identidad. **Revista de estudios extremeños**, v. 60, n. 3, 2004. Disponível em: <http://www.researchgate.net/publication/28085378_La_tradicin_el_patrimonio_y_la_identidad>. Acesso em: 10 Jan de 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: Rio de Janeiro zahar, 2005.

CANDAU, Joel**. Memória e Identidade.** São Paulo: Contexto, 2012.

_____. Mémoire collective et mémoire individuelle fonctionnent-elles selon le même modèle? **Archives**, n. 25, avril. 2011.

CARDOSO, Selma Passos. **arquitetura popular, identidade, patrimônio e memória. comunidade barreiro do café, são raimundo nonato-pi.** Congreso Internacional Nuevos Horizontes de Iberoamérica, 2013.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. A questão da tradição: **Algumas considerações preliminares para se investigar o saber-fazer tradicional,** FORUM PATRIMONIO: ambiente Construído e Patrimônio Sustentável Belo Horizonte, v.7, n.1. Jan / Jun. 2014, disponível em http://www.forumpatrimonio.com.br/

CRIADO BOADO, Felipe. Del **Terreno al Espacio: Planteamientos y Perspectivaspara la Arqueología del Paisaje.** CAPA: Criterios y Convenciones en Arqueología delPaisaje. Santiago de Compostela: Grupo de Investigación en Arqueología del Paisaje, nº 6, 1999.

CUCHE, Denys. Cultura e identidade. In: **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: Edusc, 1999.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do patrimônio:** UNESP 2007.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves: **história oral, tempo e identidade.** Belo Horizonte, Autêntica 2010.

ESCOBAR, Arturo. **Cultura, ambiente y política en la antropología contemporánea,** Primera edición Agosto, 1999 Impreso en Colombia-Printed in Colombia. Instituto Colombiano de Antropología 1999.

FERNANDES, Karina Macedo. Deslocamentos compulsórios e megaeventos no Brasil: a necessária insurgência frente à relativização de direitos pelo desenvolvimento. in **O pensamento pós e descolonial no novo constitucionalismo latino-americano** [recurso eletrônico] / organizadores Eduardo Manuel Val, Enzo Bello. - Caxias do Sul, RS : Educs, 2014.

FUNARI, Pedro Paulo de A e PELEGRINI, Sandra C. A. **Patrimônio Histórico e Cultural.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GUIDON, Niéde; PARENTI, Fabio; OLIVEIRA, Claudia; VERGNE, Cleonice (1998). Nota sobre a sepultura da Toca dos Coqueiros, Parque Nacional da Serra da Capivara, Brasil. CLIO - Série Arqueológica, n. 13, Recife, UFPE, p. 187-197.

GUTIÉRREZ, Antônio García. **Outra memória é possível**: Estratégias Descolonizadoras do Arquivo Mundial. Petropólis/RJ: Vozes, 2008.

HALBWACHS, Maurice, A memória coletiva, São Paulo centauro 2006.

HOBSBAWM Eric; RANGER,Terence. **The Invention of Tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

IZQUIERDO, Ivan. Memórias. **Estudos históricos**. v. 3, n.6, p. 89-119, 1989.

_____. **Memória.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria.** España: Siglo Veintiuno editores, 2001.

LIMA, JÚNIOR, Genival Costa de barros. **Arquitetura vernacular praieira: barros lima arquitetura.** Recife. 2007.

MACEDO, José Jaime Freitas. **Lugar de representação: uma perspectiva descolonial,** Debate ou discussão em teoria social GT06 - Imaginários sociais, memórias e pós-colonialidade, 2012.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História: **revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História** da PUC-SP, São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Cícero N, P de. **Residência do Senhor Antônio: Lugares de memórias e memórias do lugar.** Novas edições acadêmicas, 2017.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. **Recomendação para a salvaguarda da cultura tradicional e popular**. Paris:

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, 1992.

_____**Memória esquecimento silêncio**. Rio de Janeiro: estudos históricos, 1989.

POULOT, Dominique. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII – XXI:** do monumento aos valores. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

RIBEIRO, Nelson Porto. **Técnicas construtivas nas alvenarias históricas no Brasil.** In: Conservação, Restauro e Arquitetura (org.). BRAGA, Márcia. Rio de Janeiro: Pró- editores, 1998.

RODRIGUES, Donizete. **Patrimônio cultural, memória e identidade.** Lisboa, 2006.

SAIA, Luis. **Morada paulista.** São Paulo, Perspectiva, 1995.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**, Fundamentos Teórico e metodológico da geografia. Hucitec: São Paulo, 1988.

SILVA, Cláudia Gonçalves Thaumaturgo. **Conceitos e Preconceitos Relativos às Construções em Terra Crua.** 2000. Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz. Rio de Janeiro.

SILVA FILHO, Olavo Pereira da. **Carnaúba, pedra e barro na Capitania de São José do Piauí**. Belo Horizonte: Ed. do Autor (três volumes) 2007

VITRUVIO. **Da arquitetura**. São Paulo: Hucitec : Annablume, 2002.

ZARANKIN, Andrés. **Paredes que domesticam: arqueologia da arquitetura escolar capitalista.** São Paulo: UNICAMP, 2002. (tese de doutorado)

WALDMAN, Maurício. **Meio ambiente e antropologia.** São Paulo: senac, 2006.

WEIMER, Gunter. **Arquitetura popular brasileira.** (2005) São Paulo: Martins fontes (raízes).

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade 1780 -1950.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

YÀZIGI, Eduardo. **A alma do lugar:** turismo, planejamento e cotidiano em litorais e montanhas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

Apêndices

APÊNDICE A- TERMO DE CESSÃO PARA DEPOIMENTO ORAL

Universidade Federal de Pelotas
Instituto de Ciências Humanas
Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural
Trabalho de Dissertação

TERMO DE CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Cedente:

_____

CPF/identidade:_____

Endereço:_____

Telefone:_____

Cessionário: Cícero Ney Pereira de Oliveira

OBJETO: Entrevista cedida exclusivamente para fins de pesquisa acadêmica/produção do meu trabalho de dissertação do Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas**.**

DO USO: Declaro ceder a Cícero Ney Pereira de Oliveira, sem quaisquer restrições quanto aos meus efeitos patrimoniais e financeiros a plena propriedade e os direitos autorais do depoimento de caráter histórico e documental que prestei ao pesquisador Cícero Ney Pereira de Oliveira, no povoado Barreiro do Café, em ____/____/____. O mesmo, fica consequentemente autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins educativos, o mencionado depoimento, no todo ou em parte, editado ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, segundo suas normas.

Barreiro do Café, _____ de _____ de _____.

_____

Assinatura do Depoente/Cedente

_____

Assinatura do entrevistador/pesquisador

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Universidade Federal de Pelotas
Instituto de Ciências Humanas
Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural
Trabalho de Dissertação

Nome do entrevistado: Antônio Ribeiro Magalhães

Data:

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Universidade Federal de Pelotas
Instituto de Ciências Humanas
Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural
Trabalho de Dissertação

Nome da entrevistada: Rosâlia Ribeiro Magalhães

Data:

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Universidade Federal de Pelotas
Instituto de Ciências Humanas
Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural
Trabalho de Dissertação

Nome do entrevistado: Luciana Ribeiro Magalhães

Data:

APÊNDICE B- TRANSCRIÇÕES DE ENTREVISTAS

Entrevistado: Antônio Ribeiro Magalhães.
Depoimento concedido em: 01 de janeiro de 2017.

ENTREVISTADOR: Qual o seu nome completo?

ENTREVISTADO: Meu nome completo é Manuel Antônio Ribeiro Magalhães. ENTREVISTADOR: Em que ano o senhor nasceu?

ENTREVISTADO: Nasci no dia 18 de dezembro de 1945.

ENTREVISTADOR: Qual o nome desse povoado e a quanto tempo o senhor mora aqui?

ENTREVISTADO: Aqui se chama Barreiro do Café. Aqui tudo é filho e neto, tudo uma família, eu já morava aqui bem perto, aqui no mesmo povoado mais nesse pedaço de terra aqui mais próximo da rodagem, moro desde 1980, levantei e passei a morar nesse rancho desde o dia 12 de maio de 1980.
ENTREVISTADOR: o senhor gosta de morar nessa localidade?

ENTREVISTADO: gosto, eu sou catingueiro e gosto de mato, viver na roça é bem difícil, mais a gente acostuma na vida dura e gosta mesmo, gosta porque aqui é sossegado, se você quiser pode dormir ai fora e ninguém vai lhe roubar nada, aqui a gente dorme bem, porque não tem o barulho da cidade.

ENTREVISTADOR: o senhor disse que a vida aqui é dura, um dos fatores que leva o senhor a dizer isso seria a falta de chuva?

ENTREVISTADO: é a seca arrasa tudo, é só fica onde não chove quem tá acostumado com dureza, outra coisa que vou dizer pra vocês, hoje a coisa pior aqui não é nem a seca, porque com esses cartão de bolsa família, a gente

vai remediando, eu mesmo já sou aposentado, tenho duas aposentadorias, uma por idade e outra por viuvez, ajudo os meus filhos como posso e vamos levando, aqui o pior hoje é esse maldito lixo que colocaram ai, isso sim é um inferno, depois desse lixo miserável aqui já apareceu tudo que é doença, Rosália minha filha mesmo, adoeceu de meningite e quase morreu, por causa desse lixão ai, isso é coisa de gente sem vergonha que quer que pobre se lasque, Em todo órgão do governo tem reclamação que eu já fiz, até em Brasília tem reclamação, mas não tem jeito, pois a força maior governa a menor, eles é quem tem dinheiro, agente fala e eles tampam os ouvidos e o pobre não tem vez de nada, o pobre é um “cachorro”. Não tem jeito, num tem jeito. Mas aqui ainda tenho gosto de morar, é meu que Deus me deu e é aqui mesmo, eu quero bem meu lugarzinho, tenho amizade com o meu lugar.

ENTREVISTADOR: O senhor disse que construiu essa casa e participou da construção das demais, qual é o processo para construir uma casa assim, como se faz?

ENTREVISTADO: Como é que eu fiz? Isso aqui eu fiz só, fiz as telhas, fui no mato, tirei essas madeiras, ai eu mesmo fiz, as telhas eu fiz com um barro muito bom que te bem ali mais adiante, fiz o forno e queimei, as madeiras tirei na caatinga ai mesmo no fundo da casa, essa casinha que moro até hoje, fiz tudo Sozinho e Deus.
pra fazer esse tipo de casa, da trabalho mais a gente faz, Infinca” as, forquilhas bota essa linha encima, bota esses caibos, essas varas, ai vai cobrir aqui, daí vai “encher com barro”, ali tem umas madeiras dentro dessas paredes, todas cheias de pau, ai você amarra de caroá, bota as varas como está ali amarrado, ai é quando você vai amassar o barro e encher. Isso é “dependioso” e difícil, mas eu fiz isso tudo. Amassar o barro, buscar a água na cabeça pra por na terra e amassar. Muito barro, isso ai tem muito barro meu irmão, inclusive tem madeira aqui que já tem história, essa linha ai de aroeira, essa do centro da casa, era do meu avô, da casa velha dele, depois que ele morreu a casa ficou largada, depois de muito tempo eu fui lá e peguei a linha e mais outras madeiras que dava pra usar e fiz aqui, essa linha tem uns 200 anos, cem que ela levou pra crescer e uns e mais uns cem que a

gente usa contando o tempo que o meu avô usou e agora, aroeira falta é não acabar.

ENTREVISTADOR: os seus avôs e demais familiares morava onde?

ENTREVISTADO: morava bem ali mais adiante nessas mesmas terras daqui, nos tempos dos meus avôs chovia bastante e tinha bem mais fartura, por aqui ainda criva-se gado, pouquinho mais criavam, tinha bem mais mato e não existia esse negócio de gente querendo arrancar ferro da terra, claro que aqui era bem mais izolado, pouco se via gente de fora, gente assim como você de faculdade nunca tinha vindo aqui, Rsrsrsrsrsrs.

ENTREVISTADOR: hoje em dia ainda se faz esse tipo de telhas que o senhor usou aqui em sua residência?

ENTREVISTADO: hoje em dia é difícil, Tá quase acabado. Com esse negócio, dessa telha de fora, dessa telha de cerâmica, aí ta quase acabada, é pouca gente que faz, Porque ela é mais “dependiosa” e mais difícil. E como diz... já “caiu da moda”, hoje a moda é essa telha aí que é mais bonita, uma coisa mais luxuosa. E o povo quer é luxo!

ENTREVISTADOR: o senhor acha que essas telhas novas duram mais do que a telha tradicional, tipo essas que o senhor fez?

ENTREVISTADO: Que? essa aqui? Dura nada! Essa telha nova não presta, essa daqui que eu fiz dura mais, muito mais. Uma telha dessa que fiz, sendo bem feita não acaba nunca.

ENTREVISTADOR: essa técnica de construir usando barro e madeira ainda é usada na cidade?

ENTREVISTADO: Na cidade não tem mais, ninguém quer mais. Fazem é chatear de mim porque eu moro desse jeito aqui, numa casa veia e feia. Mas, eu nasci e me criei foi debaixo de uma casa dessa aqui e vou morrer

debaixo duma dessas, tem muita gente que me chama de João de Barro, você sabem essas casinhas de João de Barro? Olhe meu filho, lhe chamo de filho porque tenho idade para ser seu Avô, eu prefiro o meu ranchinho pobre, porém meu, a ir morar na cidade e lamber botas de rico, ser pau mandado de rico. O povo manga da minha casa e eu tô nem ai, é aqui que gosto de viver e quero morrer.

ENTREVISTADOR: quem lhe chateia? São os seus filhos?

ENTREVISTADO: Não, meus filhos não. O povo, vivem dizendo pra eu derrubar a minha casa e fazer uma de tijolo, fazer uma casa bonita. Mas, nunca vivi de boniteza, chamam a minha casa de casa de João de barro, eu mesmo não troco a minha casa por uma de tijolo, os meus netos que não queriam uma casa dessa daqui da minha, e já faziam de bloco e tijolo, umas casas quente, quando a gente entra parece que botaram fogo dentro de casa. [Risos], mais tão mudando, muitos foram estudar e agora querem construir com barro, me mostraram no computador cada casa de barro bonita, lindonas mesmo, só não gostei que nessas novas estão botando vidro, olhe meu filho, vidro esquenta muito, a casa pode virar uma estufa. Claro que se colocar pouco vidro pode não acontecer mais eu não colocaria. [Risos].

ENTREVISTADOR: O senhor acha que nos dias atuais está cada vez mais difícil de encontrar pessoas que saibam usar esse material e essa técnica?

ENTREVISTADO: Ah Ta, ta, ta. Aqui só tem eu que faço e ensinei os meus. Os outros se for fazer faz, mas ninguém quer mais. Querem coisas... Ninguém se interessa. Qualquer um pode fazer, mas não se interessa. Tô dizendo que me chamam de João de barro por causa que eu faço isso aqui e moro nessa casa.

Eu fiz faço, se precisar eu faço. Eu nasci e me criei debaixo de uma casinha veia dessa e dou valor. Acho minha casinha tão boa, chego aqui e me deito, e durmo bem, aqui é muito ventilado, diferente das casas de bloco.

ENTREVISTADOR: Agora uma curiosidade, porque a sua casa tem porta,

mas não tem janelas. Por que o senhor fez as portas e não fez as janelas? Fazer porta é mais difícil do que fazer janelas?

ENTREVISTADO: não, não é não, é que a coisa era difícil e não tinha condições de nada, fiz as portas já com sacrifício, sem as janelas dava pra gente morar e sem as portas não, claro que se tivesse umas janelas ficava mais ventilado mais, mesmo assim aqui é bom, a noite é fresquinho por causa do barro, durmo aqui e quando é madrugadinha eu levanto, as vezes saio ai fora meia-noite, ai me lembrei que aquele lixo ali estão acabando de enterrar.

ENTREVISTADOR: como assim enterrar?

ENTREVISTADO: é que as vezes eles enterram o lixo, tão acabando de enterrar, e tá voltando o cheiro da caatinga mesmo “secão” desse jeito ai. Você já sai de noite e já sente o vento que passa e já vem com outro cheiro das flores na caatinga, não vem mais com o mau cheiro dali do lixão, aqui no tempo da flora da mata se você levantar e sair de manhazinha cedo ou de noite, passa uma aragre de vento e você sente o cheiro da mata. Aquilo serve até de remédio pra cabeça! É verdade. Eu tenho um pé de pitomba aqui que quando flora é o perfume melhor do mundo, é uma coisa linda, é uma coisa de que você sente aquele cheiro e se sente feliz, é o cheiro da mata, da floresta, morar no mato é bom.

ENTREVISTADOR: o senhor comprou essas terras?

ENTREVISTADO: não, isso aqui era a roça de minha avó, do meu avô, de meu pai, dos meus bisavôs. Era aqui, eu conheci aqui quando era uma roça de mandioca que fazia gosto. Melancia aqui dava que formigava e ficava amarela, ai na roça, porque chovia. Hoje em dia não tem mais, acabou. Produzia tanto que perdia, hoje não tem mais. Posso dizer isso, ano passado não tive o gosto de pegar uma melancia e quebrar e comer, esse ano eu peguei só três.

ENTREVISTADOR: Plantar e ver tudo perder por falta de chuva é doloroso, sei bem o que é isso.

ENTREVISTADO: Num gosto nem de falar, eu nasci e me criei vendo chover muito, até quando me casei, chovia bastante ainda, eu enchia esse quarto do meio, esse ai que vocês tão vendo, enchia de saco de farinha, tapioca, saco de feijão, de tudo e hoje ta ai só as vasilhas, eu não me sinto bem, num gosto nem de ver, passo semanas sem entrar nesse quarto, vou lhe dizer, é triste, a gente tem que viver com isso, tem horas que desespera, nasci e me criei foi tendo as coisas e hoje me achar numa situação dessas, que tudo que coloco dentro de casa tem que ir na rua e comprar umas coisinhas por peso. Ah, Isso pra mim num presta não, a única lavoura que ainda resiste a seca por aqui é a mandioca, essa é forte viu, passa de 8 a 9 meses sem chuva e ela não morre, diminui a produção, mais ainda vinga muitas raizes e ainda fazemos farinha, beiju e sobra tapioca pra guardar.

ENTREVISTADOR: Como o senhor escolheu a localização da casa? Como escolheu onde seriam frente e fundos da residência?

ENTREVISTADO: Porque pra cá é melhor. Eu não quero uma casa de frente pro sol, pro poente, eu quero pro nascente. Vocês repare, todo comércio grande ou é com a frente pro norte ou pro nascente, pra evitar o sol e também tem uma superstição de que o comércio só vai pra frente se for virado pro norte ou pro nascente, pra vc ter uma idéia, minha avó, minha mãe, os mais velhos sempre diziam isso, e é verdade, se tem um chiqueiro de cabra com a frente pro nascente, se for aumentar ele, não puxa pra trás, mas sim pro lado, pra frente e não puxa pra trás. Se puxar pra trás se sabe que ta puxando pra não ir pra frente, sabe? Atrasa, a produção das cabras não aumenta, puxando pra trás, a coisa não anda mesmo.

ENTREVISTADOR: Como que o senhor sabe dessas coisas todas?

ENTREVISTADO: Porque a gente nasce e vai vendo, vai aprendendo e acreditando, e faz e vê que dá certo. Como o João-de-barro que é um passarinho que tem como armas só as patas, o pico e a inteligência. Ele vai

num poço de lama pega o barrinho nos pés ou no bico, faz aquela trouxinha e voa. Ele faz uma casinha de barro e ainda faz o quartinho, a diferença. Faz bem feitinha e pode chover rio dágua que não desmancha. Isso é um passarinho de muita inteligência.

ENTREVISTADOR: Acho que foi o João-de-barro que lhe ensinou a fazer essa casa.

ENTREVISTADO: Acho que foi. Acho que foi o João-de-barro, por isso que me chamam assim.

ENTREVISTADOR: o senhor considera as residencias aqui do povoado um patrimônio?

ENTREVISTADO: claro, é uma herança que vem passando faz muito tempo, o que aprendi foi trabalhar na roça e fazer essas casas de barro, tenho muito orgulho do que aprendi, vocês vejam deus dá inteligência pra tudo no mundo, aos homens, aos bichos brutos, todos temos inteligências e facilidades para muitas coisas, dificuldades também porque eu não estudei para levantar prédios como o engenheiro faz, mais o engenheiro não faz uma casa dessa que eu faço, com as próprias mãos, ele pode da ordem pra outro fazer, agora fazer, não faz não. Eu tagarelando aqui com você e me lembrei de uma piada: um médico chegou no Rio São Francisco e pagou um barqueiro para atravessar com ele pro outro lado do rio, no meio da viagem o médico perguntou para o barqueiro, você estudou? Estudei não sinhõ respondeu o barqueiro, ai o médico falou todo arrogante, então você perdeu metade de sua vida, o barqueiro ficou ali calado e logo veio uma agitação no rio e o barco viro, ai o barqueiro perguntou, dotô o sinhô sabe nadar, o médico respondeu sei não e agora, ai o barqueiro respondeu, então o sinhô perdeu a vida toda e saiu a nadar, veja você que ninguém sabe tudo nessa vida.

ENTREVISTADOR: para terminar eu gostaria de saber de quem é um tumulo que vi no seu quintal e porque o enterro foi aqui e não no cemitério?

ENTREVISTADO: aquela sepultura é da minha falecida esposa, quando ela adoeceu e um dia lá no hospital bem fraquinha já se encaminhando para o fim, me pediu que fosse enterrada aqui no quintal de casa pra ficar perto de mim e dos filhos, falei pra ela, pois não minha veia, seu desejo será feito e fiz, tá ai o tumulo, é mais fácil de manter limpo e acender umas velas de vez em quando e o que ela queria foi feito.

ENTREVISTADOR: Seu Antônio, muito obrigado pela entrevista, o senhor deseja fazer mais algum comentário?

ENTREVISTADO: Eu é quem agradeço por você ter passado esses dias aqui com a gente, pra mim foi um prazer lhe receber aqui e seja sempre bem vindo aqui no povoado e em minha casa.

APÊNDICE C- TRANSCRIÇÕES DE ENTREVISTAS

Entrevistada: Rosália Ribeiro Magalhães.

Depoimento concedido em: 05 de janeiro de 2017.

ENTREVISTADOR: Gostaria de saber seu nome, idade e profissão.

ENTREVISTADA: Meu nome é Rosália Ribeiro Magalhães, tenho 47 anos e sou agricultora.

ENTERVISTADOR: como é morar no povoado e qual a importância dessas residências?

ENTREVISTADA: olhe morar aqui é bem tranquilo, como você vê, é roça, não tem os luxos da cidade mais fome ninguém passa, eu acho que o importante é morar no que é nosso, do que adiantaria ir pra cidade fazer faxina e pagar aluguel, como não estudei, meu lugar é aqui mesmo, nossas casas são feinhas mais são nossas.

ENTREVISTADOR: Me fale sobre a casa de farinha:

ENTREVISTADA: quando é tempo de farinhada aqui fica bem movimentado, vem o pessoal do morro do mel, ajudar a gente, faz assim, quando precisamos, eles vem, se eles precisam, nois é quem vai, hoje não que já tamo fora de prumo, [risos] mais quando a gente era moça a epoça de farinhada era bem melhor, O momento de fazer o beiju era o melhor, enquanto papai estava ocupado com outros trabalhos da farinhada a gente dava umas bitocas nos rapazes que vinha de otros povoados ajudar, não consigo entender porquê naquele tempo não tinha energia mais era bem melhor que hoje, parece que a gente era mais feliz, quando encontro as amigas que na época era novas como eu, a gente fica lembrando aquele tempo e tem umas que até chora. Olhe menino não vou ter muito tempo, preciso buscar umas cabras ali embaixo, mais ali pra caatinga.

ENTREVISTADOR: Foi um prazer entrevistá-la, muito obrigado.

ENTREVISTADA: Também gostei muito, mais o tempo aqui na roça e corrido.

APÊNDICE D- TRANSCRIÇÕES DE ENTREVISTAS

Entrevistada: Luciana Ribeiro Magalhães.
Depoimento concedido em: 05 de janeiro de 2017.

ENTREVISTADOR: Gostaria de saber seu nome, idade e profissão.

ENTREVISTADA: Me chao Lúciana Ribeiro Magalhães, tenho 40 anos e sou agricultora, já trabalhei na cidade como merendeira, mais já faz tempo.

ENTREVISTADOR: Você acha importante continuar construindo casas de barro aqui na comunidade?

ENTRAVISTADA: Eu acho sim, mais não quero isso para meus filhos, quero que eles estude e vão para outro lugar, aqui é muito sofrido

ENTREVISTADOR: Fiquei sabendo de um lixão a céu aberto, localizado aqui perto do povoado, como isso tem gerado problemas aqui?

ENTREVISTADA: Sim, tem esse lixão, olhe depois que colocaram isso aqui, não podemos mais se quer criar animais soltos, antes tinha a gente pegava água ali num caldeirão, hoje lá tá cheio de urubu bebendo água, a a gente teve que fazer essas cacimbas de cimento para juntar água da chuva, pra não morrer de cede, por isso que falo, não quero meus filhos aqui, morando aqui no futuro, é muitos problemas, só fica quem não tem outro jeito.

ENTRVISTADOR: Os seus filhos pensam em fazer faculdade?

ENTREVISTADA: sim, claro, eu e o pai deles somos semi-analfabetos, mais hoje a coisa tá diferente, com muito esforço tem como fazer a faculdade, e agora temos aqui mesmo em São Raimundo, pra quem quer, hoje tá muito mais fácil, pelo menos tem como, mesmo com muito sacrifício, tem como, no meu tempo nem tinha.

ENTREVISTADOR: Lúciana, muito obrigado pela entrevista, foi um prazer falar contigo.

ENTREVISTADA: Eu quem agradeço, quase ninguém quer saber da gente aqui, se quer passa por aqui pra saber como a gente vive.